

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

307

Mês: Julho

Ano: 2025

Preço: R\$ 5,00



Adeus ao saudoso professor Bechara

O professor Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras, teve falência múltipla dos órgãos no dia 22 de maio, aos 97 anos, deixando órfã uma legião de admiradores. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Editorial

A morte do linguista Evanildo Bechara representou uma extraordinária perda para a cultura brasileira. Ele era responsável pelo Vocabulário e pelo Dicionário de nossa língua. Foi, durante anos, o presidente da Comissão de Lexicografia e Lexicologia da Academia Brasileira de Letras. Tirava dúvidas sem conta dos interessados e até mesmo dos próprios imortais. Teve uma vida universitária de grande mérito, como os anos que passou pertencendo aos quadros da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Por isso mesmo, as homenagens recebidas foram mais do que merecidas.

O EDITOR



O acadêmico Arnaldo Niskier, com a esposa Ruth, no evento que celebrou o Rio de Janeiro como a capital mundial do Livro 2025. (ver matéria página 3).

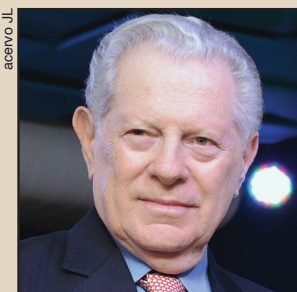
Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editadora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
 INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

Opinião Arnaldo Niskier



Os 100 anos de *O Globo*

Devo à Academia Brasileira de Letras muitas alegrias, uma das quais foi a intimidade com Roberto Marinho, diretor por muitos anos da Casa O Globo. A sua entrada na Casa de Machado de Assis se deu por uma inteligente manobra conduzida por Austregésilo de Athayde. Eles eram amigos e isso foi fundamental para que a eleição fosse um sucesso. Tive o privilégio de participar desse movimento e dar o meu voto para a eleição de Roberto Marinho. Eleito, ele procurou estreitar as relações com os jornalistas da casa e eu tive esse privilégio. Um dia me chamou à sua presença e afirmou que fazia questão de contar com a colaboração dos seus colegas de jornalismo, inclusive com a elaboração de artigos no seu apreciado periódico. Passei a escrever para o jornal, dando preferência a temas ligados especialmente à educação. Isso durou quase 20 anos. Inclui-se nesse período os dois anos da participação nos debates Populares de Haroldo de Andrade, na Rádio Globo.

Hoje, vejo com muita satisfação que o vitorioso jornal está comemorando 100 anos de vida. Sua história está muito bem retratada no livro *A Globo – Homenageia*, escrito por Ernesto Rodrigues, e lançado pela Editora Autêntica. O volume 1 aborda o período de 1965 e 1984. Acompanhei a trajetória do jornal e depois os vitoriosos movimentos de nascimento e consolidação da televisão, com o comando de figuras de relevo como Walter Clark, Armando Nogueira e Boni (José Bonifácio). Trabalhando na Manchete, que procurou ser uma boa concorrente, com alguns picos de sucesso, como na cobertura do carnaval e na apresentação de novelas como “Pantanal” e “Dona Beja”, pude viver os movimentos incertos de uma feroz concorrência. Bons tempos aqueles.

O meu amigo Maurício Sherman, que comandou o “Globo de Ouro” entre 1973 e 1990, era uma figura notável da televisão, quando veio para a Manchete. Com a sua notável sensibilidade, dirigiu diversos programas, como o “Debate”, que apresentei aos domingos às 20h30. Foi uma extraordinária experiência, a mesma que se deve ao humor representado pelo trabalho de Chico Anísio, considerado o maior talento da televisão brasileira. O seu Chico City marcou época. Ao longo de 35 anos, o Chico Anísio Show baseou-se na sua espantosa capacidade de incorporar personagens. E sempre com muito sucesso. O mesmo com Xuxa e Angélica.

A TV Globo foi uma caixa de surpresas agradáveis, com a soma incrível de artistas notáveis. Isso será demonstrado num documentário dirigido por Pedro Bial.

“A literatura é ao mesmo tempo a causa e o efeito do progresso social. Aprofunda nossas sensibilidades naturais e se fortalece exercitando nossas capacidades intelectuais.”

George Lewis

Rio, capital mundial do livro

Por Manoela Ferrari

Fotos: Michael Félix

O Rio de Janeiro é a primeira cidade de língua portuguesa a receber da Unesco o título de Capital Mundial do Livro, um reconhecimento em virtude da excelência de seus programas de promoção da leitura. O município assumiu esse papel a partir de 23 de abril deste ano, quando é celebrado o Dia Mundial do Livro. A nova Capital Mundial do Livro entra para uma rede de cooperação internacional com as cidades dos anos anteriores. A cidade contará com uma ampla agenda de eventos e iniciativas voltadas à formulação de novas políticas públicas para o livro e a leitura.

A Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, celebrou o início oficial da programação do Rio Capital Mundial do Livro 2025, com um espetáculo musical no Teatro Carlos Gomes. No espetáculo, Jeanne Barseghian, prefeita de Estrasburgo, Capital Mundial do Livro de 2024, fez a entrega simbólica do título ao prefeito Eduardo Paes. A cidade francesa é reconhecida como um dos principais polos de literatura infantil da Europa.



O prefeito Eduardo Paes ressaltou a importância do título recebido pelo Rio, capital mundial do livro 2025.

O prefeito do Rio ressaltou a importância do compromisso assumido pela cidade com o título recebido: “O que a gente tem de ter claro é que uma cidade de leitores, onde as pessoas têm o hábito da leitura, é uma cidade mais desenvolvida, com mais conhecimento, de mais respeito ao próximo. Tem um

legado grande para deixarmos ao longo do ano. Vai ter muita coisa acontecendo celebrando a leitura, os livros e o Rio de Janeiro.”

Paes destacou, ainda, a importância simbólica do título: “É muito importante esse título, tem um valor simbólico imenso. O Rio é a primeira cidade de língua portuguesa a assumir esse papel. Tem toda uma história de o Rio ter sido capital da Colônia e do Império. A cidade tem o Real Gabinete Português, um tesouro do Rio, a Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira de Letras, os grandes escritores brasileiros baseados aqui. É um ano para celebrar a leitura, para se criar mais o hábito da leitura. Vamos ter a Bienal do Livro, pela primeira vez o Prêmio Jabuti na cidade, ao longo do ano nas estações do BRT as pessoas vão poder pegar livros deixando outro fazendo a troca, além das políticas públicas da Secretaria de Educação para toda rede municipal de ensino. Então é um ano especial, o Rio já foi capital do G20 ano passado e será do Brics este ano”, afirmou.

O evento também contou com a presença da coordenadora de Cultura da Unesco, Isabel de Paula, representando a diretora e representante da Unesco no Brasil, Marlova Jovchelovitch Noletto, do presidente da Academia Brasileira de Letras, Merval Pereira, e do secretário municipal de Cultura, Lucas Padilha.

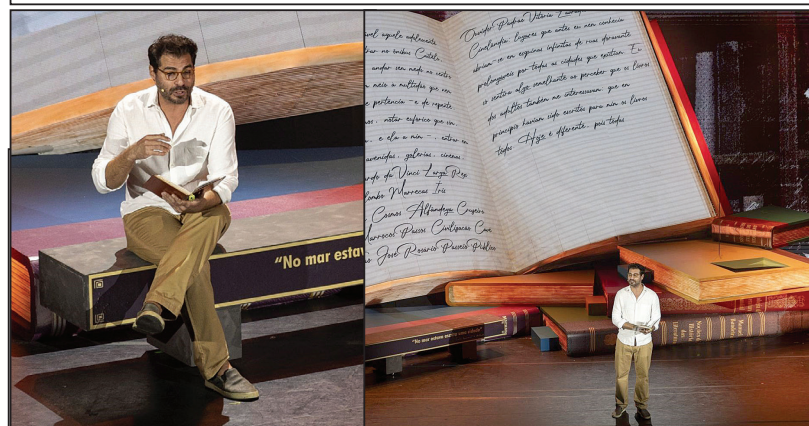
Produzido e dirigido por Edson Erdmann, o espetáculo musical foi concebido como um livro, com capa, prefácio, dedicatória e capítulos que contaram a história da língua portuguesa, da importância do Rio de Janeiro como centro difusor da literatura e reuniu citações e referências de mais de 70 grandes romancistas e poetas brasileiros.



Isabel de Paula, da Unesco.



Espetáculo musical no Teatro Carlos Gomes celebrou o início oficial da programação do Rio Capital Mundial do Livro 2025.



O espetáculo musical foi concebido como um livro, contando história da língua portuguesa.

O evento também revelou as obras da Caixa Literária da Língua Portuguesa, formada no evento *Rios da Palavra*, na Academia das Ciências de Lisboa, que marcou o início oficial da agenda do Rio Capital Mundial do Livro. A Caixa Literária contém um acervo com obras clássicas e contemporâneas selecionadas por países de língua portuguesa como Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial e Timor-Leste. Entre as obras dentro da caixa estavam *Pura Matéria de Sonho*, de Fernando Pessoa; *Os Lusíadas*, de Luís de Camões; e *Os Maias*, de Eça de Queiroz.

A iniciativa simboliza o apoio da comunidade lusófona ao Rio como Capital Mundial do Livro. Ao longo do ano, novas obras brasileiras serão integradas ao acervo por meio de concursos, festivais e premiações. A proposta é incorporar essa ação à programação oficial das futuras Capitais Mundiais do Livro da Unesco, com o Rio de Janeiro assumindo um papel de liderança na promoção da literatura em língua portuguesa.

PROGRAMAÇÃO RIO CAPITAL MUNDIAL DO LIVRO 2025

A programação do Rio Capital Mundial do Livro 2025 também inclui ações voltadas ao desenvolvimento econômico do setor e à valorização da cadeia produtiva do livro. Desde agosto de 2024, a Prefeitura já investiu cerca de R\$ 5, 1 milhões em editais voltados à realização de feiras literárias, capacitação de escritores, promoção da literatura brasileira e incentivo a autores cariocas.

O Rio de Janeiro já é sede de eventos fundamentais para a literatura, como a Bienal Internacional do Livro no Rio, Feira Literária das Periferias (FLUP), LER – Festival do Leitor e Festival Paixão de Ler. A cidade também é sede de instituições de destaque nacional e internacional, o Real Gabinete Português de Leitura, Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Casa Rui Barbosa, Arquivo Geral da Cidade, Casa Escrevivências (Conceição Evaristo). Também estão no Rio importantes agentes do mercado editorial e algumas das maiores editoras do país.

O título de Capital Mundial do Livro é concedido anualmente a uma cidade que tenha demonstrado excelência em suas iniciativas de promoção literária. Guadalajara (2022), Acra (2023) e Estrasburgo (2024) já foram agraciadas. O objetivo dessa iniciativa é garantir e democratizar o acesso à leitura, com um foco especial em jovens e em comunidades mais vulneráveis. Isso será alcançado por meio de uma série de programas e atividades que promovam o livro e a leitura.

Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

● O LIVRO *ANTONIO GUERREIRO – PORTRAITS* (Barléu), organizado por Carlos Leal, reúne 120 cliques do saudoso fotógrafo de famosos como Caetano Veloso, Gal Costa, Rita Lee, Sonia Braga, Fernanda Montenegro, Vinicius de Moraes, Hélio Oiticica e Gilberto Freyre. Uma seleção que confere à obra um peso memorialista.

● A GLOBAL EDITORA ANUNCIOU O LANÇAMENTO de *Peixe Grande*, uma obra afetiva que presta homenagem ao mestre da cultura brasileira, Ziraldo (1932-2024). Com texto de Guto Lins e ilustrações originais do próprio Ziraldo.

● FUNDADORA DA ESCOLA DE GENTE – COMUNICAÇÃO EM INCLUSÃO, a jornalista e ativista em Direitos Humanos Claudia Werneck, referência nacional e internacional em comunicação acessível e inclusiva, lançou seu 15º livro: *Tia Zilda – Histórias de Inclusão*.

● UM DOS LIVROS MAIS IMPORTANTES DO SÉCULO XX, *Ardil-22* (Ed. Record) voltou às livrarias com nova tradução, de Rogerio Galindo, no ano em que se completam 80 anos do fim da Segunda Guerra Mundial.

● A *FELICIDADE NÃO É PARA COVARDES* (Nacional), das psicanalistas, Luciene Godoy e Valéria Belém, convida o leitor à reflexão e ao prazer da leitura como um antídoto para a ansiedade da era digital. Em vez de um comprimido para dormir, uma crônica de cabeceira.

● COM CERCA DE 90 DINÂMICAS DESCRITAS E FILMADAS — acessíveis por QR code — *Focos Móveis*, da diretora teatral e atriz, além de preparadora de elenco Ama Kfoury se constitui como um “livro-cena”, articulando pensamento e prática por meio de exercícios técnicos, sensoriais e performativos.

● POR MEIO DE TEXTOS SINGELOS E DELICADOS, *ÀS VEZES SOL, ÀS VEZES TEMPESTADE, É ASSIM QUE AS FLORES CRESCEM* (BestSeller), de Wandy Luz, aborda con-

flitos internos comuns a todos, explorando temas como autoconhecimento, recomeços e autocuidado.

● *MIKALA* (ED. RECORD), ROMANCE DE ESTREIA de Taiane Santi Martins e vencedor do Prêmio Sesc de Literatura de 2022, conta, através da busca de Mikala, uma dançarina de balé que sofre uma amnésia repentina, a história de três gerações de mulheres que viveram e fugiram da guerra civil moçambicana.

● *FAMÍLIA PACHECO – 190 ANOS* (Ed. Livros Ilimitados), de Paulo Otávio Gravina e Mário César Pacheco, é uma biografia familiar, com atuações empresariais, futebolísticas, desportivas, educacionais e forenses.

● EM *A ELITE DO ATRASO* (Ed. Civilização Brasileira), Jessé Souza explica como a ascensão da extrema direita está diretamente ligada à herança escravocrata do Brasil, fator responsável por criar o estigma do pobre como inconfiável, eleitor de corruptos e moralmente questionável.

● COM CÂMERA POLAROIDE, A FOTÓGRAFA ANA BRANCO criou uma cartografia de sensações que compõe seu mais recente livro: *Polaroideanas*, editada pela própria autora em parceria com a Editora Piscina Pública.

● *AMAR-O TEMPO* (ED. TEXTO TERRITÓRIO), DE RUTE GUSMÃO, reúne poesias inéditas de 50 anos de vida literária. Dividido em onze partes, traz poesias curtas que falam da passagem do tempo.

● PARA ALÉM DO CAPITALISMO E DO SOCIALISMO, *A nova China* (Edipro), da economista Keyu Jin, é um guia para a compreensão da economia chinesa, um relato sobre uma potência mundial em crescimento, sobre seu passado e seu potencial futuro.

● NO LIVRO *REVOLUCIONÁRIOS DA CRÍTICA* (Editora Unesp), Terry Eagleton convida o leitor a redescobrir as vozes que transformaram a manei-

Humor

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

ESPIRITUALIDADE



ra como lemos e interpretamos a literatura.

● VENCEDOR DO PRÊMIO SESC DE LITERATURA 2023 na categoria Conto, *O Ninho* (Ed. Record), estreia de Bethânia Pires Amaro, mergulha em um mosaico de imperfeições e doenças familiares.

● ROMANCE DE FORMAÇÃO PIONEIRO no tema da racialidade na literatura, vencedor do *National Book Awards*, *Homem Invisível*, de Ralph Ellison, retorna às livrarias com capa nova do designer Angelo Bottino. A edição ampliada tem texto de orelha assinado por Luiz Mauricio Azevedo.

● ESTE ANO, A PRIMEIRA EDIÇÃO DE *Baudolino*, de Umberto Eco, completa 25 anos. O livro tem tradução de Marco Lucchesi, atual presidente da Fundação Biblioteca Nacional e ex-presidente da Academia Brasileira de Letras.

● ESCRITO A QUATRO MÃOS POR Paulo Franchetti e Plínio Martins Filho, *Editoras Universitárias, para quê?* (Ateliê Editorial) reúne textos que abordam suas experiências à frente de importantes editoras universitárias: Unicamp e Edusp.

● CELEBRANDO OS 10 ANOS DO PRIMEIRO LIVRO para colocar proibido para menores, a Bebel Books anuncia o *Volume #3, com 21 Festinhas Inéditas* criadas por Guto Lacaz, Helô D'Angelo, Pedro Vinício, Malfeitona,

TOsko, Cara de Fofa, Safira, Reberson Alexandre, Emilly Bonna, Flávia Bomfim, Treco e mais. Posfácio do comunicador, educador e apresentador Marcelo Tas.

● REFERÊNCIA NAS ARTES PLÁSTICAS BRASILEIRAS desde os anos 1960, Antonio Manuel criou a série *Incontornáveis*, lançada em livro pela Editora BEI, com textos dos curadores Ana Maria Maia e Paulo Venancio Filho.

● O *AVESSO DA CASA*, DE OZIAS FILHO, publicado pela Editora Urutau, é um ensaio poético/fotográfico sobre os dias de pandemia. A obra conta com prefácio da escritora portuguesa Filipa Leal.

● O ESCRITOR, JORNALISTA E ADVOGADO DIEGO MENDES SOUSA, da Academia de Letras do Brasil (ALB), lançou *A Borda do Mar de Riatla*, pela Editora Brigada Mandu Ladino.

● O ROMANCE *PARA NÃO ACABAR TÃO CEDO* (Record), de Clarice Freire, explora a relação das mulheres com o envelhecimento e os ciclos da vida, em uma combinação corajosa e comovente.

● NAS *CRÔNICAS DE CAZUÁ: ONDE O ENCANTO FAZ MORADA* (Paz & Terra), o escritor e professor Luiz Rufino nos apresenta um país para muito além do que conhecemos nos livros de história. Os textos nos convidam a reimaginar o Brasil, numa dimensão que vai além da casa e da rua: o encanto.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Viagem furada

“Leila vai para New York participar de um evento estudantil.”

Não é errado utilizar a grafia da cidade estadunidense na sua forma original, mas é recomendável que os topônimos de línguas estrangeiras sejam substituídos pela sua tradução na língua portuguesa.

Frase correta: “Leila vai para **Nova Iorque** participar de um evento estudantil.”



Pagamento mal feito

“Isabelle comprou uma blusa e pagou com uma nota de cinquenta reais.” Esse pagamento não teve valor algum!

Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, não se usa mais o trema nos grupos **gue, gui, que, qui**.

Período correto: “Isabelle comprou uma blusa e pagou com uma nota de **cinquenta** reais.”

Atenção: o trema permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas. **Exemplo:** Müller, Häagen-Dasz, Bündchen.

Naturalidade errada

“Murilo desejava uma vestimenta que só tem no seu Estado, ou seja, uma roupa acreana.” Não vai achar em lugar nenhum, nem na Lua!

Usa-se a vogal **i** e não a vogal **e**, antes da sílaba tônica, nos substantivos e adjetivos derivados em que entram os sufixos mistos **–iano** e **–iense** de formação vernácula. Ex.: açoriano (de Açores), horaciano (de Horácio), italiano (de Itália), entre outros.

Frase correta: “Murilo desejava uma vestimenta que só tem no seu Estado, ou seja, uma roupa **acriana**.”

Para nunca mais esquecer

Sufixo misto é aquele em que, na sua formação, os elementos etimológicos de origem são associados com outros elementos vernáculos.

No caso de **–iano** e **–iense**, é resultado da combinação dos sufixos **–ano**

e **–ense** com um i, cuja origem é a analogia com palavras em que esses sufixos figuram precedidos de **i** que faz parte da raiz da palavra. Ex.: horaciano (Horácio) e italiano (Itália).

Encontro bairrista

“Jussara disse que vai ao Méier se consultar com sua médica, Marina.”

Perfeito! Embora Méier seja uma palavra paroxítona com ditongoônico – **Méi**-er, a nova regra do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa não se aplica nesse caso, pois a mesma termina em **r**. Outra exceção: destrói-er.

Derrapada perigosa

“Os pilotos vão se colocarem no grid, para a relargada.”, disse o locutor do canal televisivo, sobre a corrida de Stock Car que fora interrompida.

Essa corrida não vai acabar bem! A concordância verbal: o sujeito (os pilotos) pede o verbo no singular (colocar).

Frase correta: “Os pilotos vão se **colocar** no grid, para a relargada.”



Viagem conturbada

“Gérson pegou o microônibus, mas chegou bem atrasado na igreja.”

Coitado! Será que o responsável pelo atraso foi o hífen? Veja: quando o prefixo terminar com vogal e o segundo elemento começar com a mesma vogal, o hífen é obrigatório: micro-ondas, contra-ataque, semi-interno.

Frase correta: “Gérson pegou o **micro-ônibus**, mas chegou bem atrasado na igreja.”

Não chegou bem!

“Jussara chegou em Porto Alegre e adorou o clima da cidade.”

Não deve ter chegado bem.

Os verbos chegar/ ir – devem ser introduzidos pela preposição **“a”** e não pela preposição **“em”**. Ex.: “Vou **ao** médico hoje”, “Cheguei **a** Belo Horizonte”.

Frase correta: “Jussara chegou **a** Porto Alegre e adorou o clima da cidade.”

Logo desastrado

“João Paulo assistiu o jogo do Flamengo ao lado da filha, mas o time perdeu.” Que lástima! Falharam a zaga do time e a regência verbal.

O verbo **assistir, no sentido de ver, presenciar**: exige a preposição **“a”**. Ex.: “Não assistimos **ao** show.”

Frase correta: “João Paulo assistiu **a**o jogo do Flamengo **ao** lado da filha, mas o time perdeu.”

Língua portuguesa

Por Raquel Naveira

A literatura é uma arte psíquica idiomática. Serve-se de dois elementos: a mente e a palavra. A língua é, ao mesmo tempo, o meio de comunicação e a forma dessa arte. É o veículo, a forma exteriorizadora da criação artística elaborada no espírito humano, segundo o professor de Teoria Literária Hênio Tavares.

A nossa língua é a portuguesa. Lembrando um pouco sua história: da fragmentação do latim vulgar, que os romanos levam para a Península Ibérica, surgiram numerosos romances (dialetos), entre eles, o lusitano (ou galaico-português). A independência política de Portugal estabelece a língua portuguesa, levada aos cinco continentes pelos portugueses conquistadores, expandindo-se rapidamente. No Brasil, foi enriquecida pela influência das línguas indígenas e africanas.

Reconheço a língua portuguesa como meu maior instrumento de trabalho e declaro a ela o meu respeito, o meu amor sincero. Um amor feito de estudos, sacrifícios, análises, longas horas debruçadas sobre as gramáticas, sobre os manuais e os livros de literatura brasileira e de literatura portuguesa, outras tantas passando suas normas em quadros-negros, corrigindo provas e trabalhos de alunos, nas quatro décadas de magistério. Toda essa dedicação não passou de meio para atingir um fim maior: dominar a língua, conhecê-la, manuseá-la, dissecá-la para melhor criar poesia.

Quando falamos em amor à língua portuguesa, na sua história e importância, logo nos vem à memória o poema/oração “Língua Portuguesa”, do parnasiano Olavo Bilac, da qual transcrevo a estrofe inicial:

*Última flor do Lácio, inculta e bela,
É, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

Parece-me incongruente um poeta não ser admirador e conhecedor de sua própria língua. Desde a infância, quando deslanchou dentro de mim o apaixonante processo de ler-escrever, interessei-me pelas regras do jogo.

A expressão “língua portuguesa” evoca imagens místicas de Portugal. Influenciada por um verso do poema/canção “Língua”, de Caetano Veloso, que começa assim: “Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões”, escrevi:

*Minha língua encosta
Na língua portuguesa,
Meu pensamento reveste-se da forma
Ditada pelas normas
Da gramática portuguesa;
Ó língua galega!
Quisera dominar-te como água.
Que o anjo de Portugal
Sobre em mim o espírito
De tua clareza rude,
Mostre tua força de carvalho,
Tua envergadura de choupo,
Teu cheiro de murta e eucalipto.
Que as tágides
Façam-me atravessar
O Cabo da Esperança,
O Cabo Verde,
O Cabo Não
Até chegar ao cerne de tua concisão.*

*Que a marquesa de Alorna
Dê-me o romantismo
Que orna as cantigas de amigo
Com pérolas de harmonia!
Que as colunas dos mosteiros
Passem para minhas veias
A lírica de Camões
E para meu paladar
O segredo das palavras,
Dos vinhos,
Dos grãos de aveia.
Que minha língua encoste
Na língua portuguesa
Hoje e sempre,
Aqui e além,
Que a minha poesia se erga,
Gótica e galaica
Como a torre de Belém.*

A língua portuguesa faz correr no meu sangue as cantigas dos trovadores, dos cancioneiros, de árcades e orfeus. Faz com que eu pertença à mesma linhagem de Camões, Pessoa e Drummond. Põe em meu inconsciente histórias onde se mesclam caravelas, cruzeiros, cocares, palmeiras, oceanos, onças, janaias, príncipes afonsinos, mártires da liberdade, portos seguros.

Ó Língua Portuguesa! Que cada vez mais eu possa sentir em meus versos a tua sagrada soberania.

Este texto é uma homenagem ao mestre Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, que faleceu no dia 22 de maio do corrente ano, aos 97 anos, no Rio de Janeiro. Foi professor, gramático e filólogo. Autor de várias das principais gramáticas da língua portuguesa como *Moderna Gramática Portuguesa* e *Lições de Português pela Análise Sintática*.)

A despedida de Cícero Sandroni

Por Manoela Ferrari



O saudoso acadêmico Cícero Sandroni, em 2012, quando proferiu palestra na Maratona Ariano Suassuna para falar sobre a vida e a obra do autor de *O Auto da Compadecida*.

A morte do acadêmico Cícero Sandroni, aos 90 anos, entristeceu familiares, amigos e fãs do escritor, jornalista e intelectual, reconhecido pela sua dedicação à Academia Brasileira de Letras (ABL), da qual foi presidente entre 2007 e 2009.

Sandroni morreu em casa, de choque séptico causado por infecção urinária, em estado de saúde delicado devido a uma longa doença. Era casado com Laura Constância Austregésilo de Athayde, com quem teve cinco filhos.

Sexto ocupante da Cadeira nº 6, eleito em 25 de setembro de 2003, na sucessão de Raimundo Faoro com 36 votos (a unanimidade dos votantes), foi recebido em 24 de novembro de 2003 pelo acadêmico Candido Mendes de Almeida. No mesmo ano, eleito tesoureiro da Presidência de Ivan Junqueira, dois anos depois, secretário-geral do ministro Marcos Vinícios Vilça. Tomou posse como presidente da ABL em 13 de dezembro de 2007, eleito por unanimidade.

Como jornalista, integrou redações de destaque do Rio de Janeiro, como *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio* e *O Globo*. É coautor, com a esposa, de *O Século de um Liberal*, livro que conta sobre a vida e obra de Austregésilo de Athayde, seu sogro, relevante pensador brasileiro e defensor da revolução constitucionalista e que também foi presidente da Academia. É autor, entre outros, do livro de contos *O Diabo só Chega ao Meio-dia* (Nova Fronteira), em 1985.

BIOGRAFIA

Cícero Augusto Ribeiro Sandroni nasceu na cidade de São Paulo, em 1935, no mesmo dia do saudoso colega Evanildo Bechara (que também morreu este ano): 26 de fevereiro. Filho de Ranieri Sandroni e Alzira Ribeiro, fez os estudos primários e parte do ginásio na capital paulista. Com a transferência da família para o Rio de Janeiro, em 1946, concluiu aqui os estudos secundários. Coursou a faculdade de Jornalismo (hoje de Comunicação) da Pontifícia Universidade Católica e a EBAP – Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas, onde foi bolsista.

Em 1954, fez os primeiros estágios em redações de jornais, inicialmente na *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda e, em seguida, no *Correio da Manhã*, sob a direção de Antônio Callado e Luiz Alberto Bahia, onde chegou a chefe da reportagem. Convidado por Odylo Costa, filho, ingressou na redação do *Jornal do Brasil*, na época da reforma editorial do diário, e ao mesmo tempo atuou na Rádio Jornal do Brasil.

Em julho de 1958, transferiu-se para *O Globo* onde, destacado para a cobertura da área da política exterior, fez várias viagens interna-

cionais. Em abril de 1960, integrou a equipe de *O Globo* que, chefiada por Mauro Salles, fez a cobertura da inauguração de Brasília. Naquele mesmo ano, assumiu a chefia da reportagem política do *Diário de Notícias*, então sob a direção de Prudente de Moraes, neto, onde escreveu a coluna “Notas Políticas”, em substituição de Heráclio Salles.

Convidado por José Aparecido de Oliveira e pelo prefeito de Brasília, Paulo de Tarso Santos, em 1961 transferiu-se para a nova capital, onde foi secretário de Imprensa da Prefeitura do Distrito Federal e diretor de Relações Públicas da Novacap, entre outras funções. Integrou o Conselho Fiscal da Fundação Cultural de Brasília, presidida por Ferreira Gullar, ao lado do então deputado José Sarney.

No governo parlamentarista de João Goulart/Tancredo Neves, foi subchefe do gabinete do Ministro Franco Montoro, na pasta do Trabalho e Previdência Social. Em 1962, foi nomeado representante do governo no Conselho Fiscal do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos (IAPM), sendo naquele mesmo ano eleito presidente do órgão até 1964.

Com a instalação do regime militar, voltou a trabalhar na *Tribuna da Imprensa* de Hélio Fernandes, e em *O Cruzeiro*, sob a direção de Odylo Costa, filho. Com Odylo, Álvaro Pacheco e o diplomata Pedro Penner da Cunha, adquiriu uma empresa gráfica, de cujas máquinas saíram as duas primeiras edições da revista de contos *Ficção*, editada com a colaboração de Antônio Olinto e Roberto Seljan Braga. Em seguida, com Pedro Penner da Cunha, fundou a *Edinova*, editora pioneira no Brasil no lançamento de literatura latino-americana e do *nouveau roman* francês.

Com a censura imposta à imprensa após o Ato Institucional nº 5 e o arrendamento do jornal, deixou o jornalismo diário e ingressou em Bloch Editores, onde foi redator-chefe das revistas *Fatos e Fotos*, *Manchete* e *Tendência*. Sob sua direção, esta última recebeu, em 1974, o Prêmio Esso de Jornalismo, na categoria de Melhor Contribuição à Imprensa.

Em 1976, coordenou, com os escritores Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Hélio Silva, José Louzeiro, Ary Quintella e Jefferson Ribeiro de Andrade, um manifesto contra a censura aos livros, assinado por mais de mil intelectuais brasileiros, conhecido como o *Manifesto dos Mil*. Publicado na imprensa, o documento impediu a continuação da censura aos livros, que proibira a circulação de mais de quatrocentos títulos de autores brasileiros e estrangeiros. O mesmo grupo renovou o Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e levou à sua presidência o acadêmico Antonio Houaiss.

Em 1977, a convite de Walter Fontoura, retornou ao *Jornal do Brasil* inicialmente como redator do Caderno B, onde escreveu sobre arte e cultura e foi crítico de cinema. Em seguida, editou o suplemento literário “Livro” e, de 1979 a 1983, escreveu a coluna “Informe JB”. Em 1984, assinou a coluna “Ponto de Vista”, no jornal *Última Hora*, com a colaboração do poeta José Lino Grünwald. Nesse tempo, foi um dos primeiros jornalistas a defender a realização de eleições diretas para a presidência da República.

Em 1984, editou o *Jornal do País*, semanário de Neiva Moreira. Em 1985, escreveu artigos sobre política para a *Tribuna da Imprensa*. Colaborou com a revista *Elle*, onde publicou perfis de artistas e escritores, e colaborou com resenhas de livros para a página literária de *O Globo*. Naquele mesmo ano, passou a colaborar com a Companhia Vale do Rio Doce na área de assuntos culturais. Em 1990, foi editor-geral da *Tribuna da Imprensa* e, a seguir, passou a escrever uma página semanal sobre cultura e política.

Em 1991, fundou, para a prefeitura do Rio de Janeiro, o mensário literário *RioArtes*, o qual dirigiu até ser convidado, em fins de 1992, pelo então ministro da Cultura, Antonio Houaiss, e o presidente da Funarte, Ferreira Gullar, para dirigir o Departamento de Ação Cultural (DAC) da entidade. No DAC, entre outras atividades na área das artes plásticas e da música, organizou o Salão Nacional de Artes Plásticas, de 1993 e 1994, e a Bienal de Música, de 1994. Na mesma ocasião dirigiu, com Ferreira Gullar e Ivan Junqueira, a revista *Piracema*.

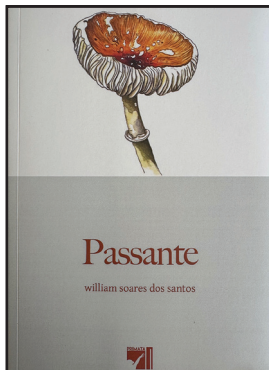
Editor de Cultura e Opinião do *Jornal do Commercio*, em 1995, afastou-se, no ano seguinte, para escrever, com Laura Sandroni, a biografia de Austregésilo de Athayde. Voltou ao *Jornal do Commercio* em 2000, como diretor-adjunto da Redação e participou, com Antônio Calegari, da reforma gráfica que modernizou o jornal. Criou o suplemento cultural Artes e Espetáculos e deixou a redação em agosto de 2003 para escrever a história do *Jornal do Commercio*.

Participou de várias maratonas escolares promovidas pelo Instituto Antares de Cultura, em parceria com a Academia Brasileira de Letras, deixando um rastro de saudades.

U Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



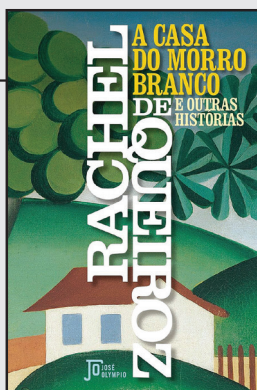
PASSANTE

Em *Passante* (Ed. Primata), a coletânea de poemas de William Soares dos Santos é enriquecida com ilustrações do próprio autor. São doze belas imagens de cogumelos, feitas em aquarela e guache, que ilustram os textos distribuídos em cinco livros (não necessariamente blocos temáticos), apresentando diferentes enfoques do que é estar no mundo. Desde a tomada de consciência do existir, passando pelos cenários em que o homem passa/vive momentos transitórios, até a verdadeira

aventura que é viver – que exige experimentar, assimilar e avançar espiritualmente. Na apresentação da obra, intitulada “Um poeta pensador”, o crítico literário Krishnamurti Góes dos Anjos analisa o propósito do autor com o estreitamento das distâncias entre as linguagens (visual e verbal): “levando em conta a proposta visual de ilustrar o livro com imagens de cogumelos, identificamos aproximação entre a estrutura da poesia intersemiótica e a ação rizomática. Afinal, o rizoma é contrário à linearidade e aos limites.” William Soares dos Santos (1972) é carioca, professor da UFRJ e escritor. Dentre os seus trabalhos literários se destacam o livro de contos *Um Amor* e os livros de poesias *Rarefeito* e *Poemas da Meia-noite (e do Meio-dia)*, livro ganhador do Prêmio PEN Clube do Brasil para livros de poesias publicados em 2017.

A CASA DO MORRO BRANCO E OUTRAS HISTÓRIAS

A Casa do Morro Branco e Outras Histórias (Grupo Editorial Record) traz nove contos breves de Rachel de Queiroz, uma das maiores escritoras da língua portuguesa. O livro, que estava há anos esgotado, retornou ao catálogo da José Olympio com novo projeto gráfico. Na capa, uma obra de Tarsila do Amaral. Na antologia, Rachel de Queiroz mostra todas as características que a consagraram no panteão literário nacional. Conhecida pelas narrativas longas – seu primeiro romance, *O Quinze*, escrito quando tinha apenas 20 anos, é um dos maiores clássicos do país –, a autora articula, de forma magistral, elementos da experiência universal com traços regionais, em especial do Nordeste brasileiro, onde nasceu. O jornalista e escritor José Nêumanne Pinto afirma que “A prosa curta da romancista é escoreita e crua, sem subterfúgios nem tergiversações: adjetivos são dispensados sem cerimônia, prevalecendo a força dos substantivos comuns, enfileirados com argúcia e sensibilidade”. Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras e também a primeira mulher a ser agraciada com o Prêmio Camões, maior honraria dada a escritores de língua portuguesa. Faleceu no Rio de Janeiro, em 2003, aos 92 anos.



POEMAS DE NITERÓI – VOLUME V

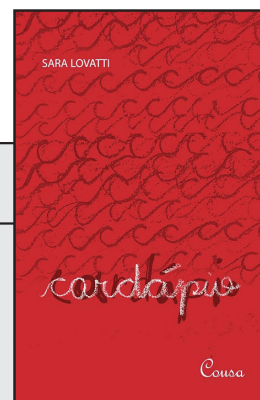
Em *Poemas de Niterói – Volume V*, editada pela Ibis Libris, Marcos Jorge Nasser reafirma sua vocação poética em nova coletânea na qual discorre sobre temas que vão da vida cotidiana a questões metafísicas e existenciais. Artesão laborioso do verso, o autor reafirma sua vocação poética e sua dicção própria, ilustrando a própria obra. Artista visual sensível, o poeta reúne textos nos quais discorre sobre questões existenciais e metafísicas, abraçando temas como o amor (do alvorecer a seu ocaso), a existência humana (e seu estar no mundo), a relação com o tempo e a finitude. Tais temas são desenvolvidos numa poética de estilo e dicção próprios, como destaca o poeta e compositor Lula Basto, no prefácio: “Chama a atenção a impositiva maturidade artesanal, prenhe de arcaísmos poéticos, que se autodefinem por seu teor singular, por seu narrar literário personalíssimo.” Marcos Nasser tinha 9 anos quando chegou a Niterói, aonde o pai imigrante levou a mulher e os seis filhos. Escreveu, ainda na juventude, os primeiros versos. Sua poética não está circunscrita a Niterói. A cidade é o ponto de partida para o escritor girar seu caleidoscópio e alargar seu olhar e sua fala ao mundo e à vida em si.



CARDÁPIO

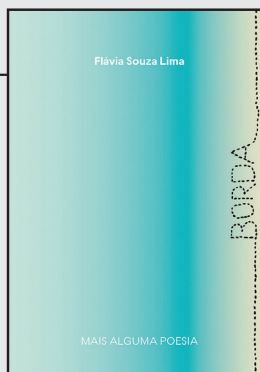
Terceiro livro da escritora Sara Lovatti, *Cardápio* (Ed. Cousa) traz a mulher con-

temporânea para o centro de uma narrativa que perpassa diferentes gêneros textuais, incluindo crônicas, contos e cartas. Com 156 páginas, a obra conta com 19 textos que se entrelaçam por meio do olhar da mulher sobre a vida e o cotidiano, com foco em suas relações afetivas, a vida familiar, a amizade e os desenlaces amorosos. No prefácio, a professora e pesquisadora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Maria Amélia Dalvi, assinala que *Cardápio* inscreve o nome de Sara Lovatti na literatura contemporânea produzida por mulheres no Brasil e, particularmente, no Espírito Santo. Graduada em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Sara Lovatti possui Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde, atualmente, é doutoranda. A autora pesquisa a poesia de mulheres latino-americanas a partir de uma perspectiva decolonial. Além disso, é professora de Espanhol no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), vinculada à Coordenadoria do Proeja – Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Sara Lovatti é autora de três livros: *Desconverso* (Cachoeiro Cult, 2016), *Estilhaço* (Pedregulho, 2021) e *Cardápio* (Cousa, 2025).



BORDA (MAIS ALGUMA POESIA)

Borda (mais alguma poesia), Editora Numa/2025, é o novo livro da poeta e produtora cultural Flávia Souza Lima. Trazendo na orelha traz, na orelha comentários das cantoras Leila Pinheiro e Joyce Moreno, dividida em seis partes, a coletânea é apresentada pela designer Nana Pontes, para quem a autora “tem a escuta e o olhar extremamente atentos às palavras – seus significados e desdobramentos”. O mar se faz presente como cenário, personagem, pano de fundo ou na (an) coragem para a poeta ir adiante. A relação da autora com sua vocação é a tônica de *Beira*, primeira das seis seções entre as quais o livro se divide. “isso não é hora de escapar/digo ao poema/e mesmo assim/a palavra derrete/ e o verso escorre/por entre os dedos da tarde”, lamenta ela sem entregar os pontos, ainda que o poema seja, como ela reconhece, “pura neblina”. Realizadora cultural das mais atuantes na cena carioca, Flávia Souza Lima é jornalista e *podcaster*. Entre seus feitos, o *Poemúsica Festival*, que promove conversas e apresentações sobre as intercessões entre a poesia literária e a letra de música. Entre seus livros publicados estão *Sobre-viver* (1989), *O avesso do grão* (1991) e *Desjeitos – Alguma poesia* (2021), Editora Numa.



70 ANOS DE COLUNISMO SOCIAL DE HÉLIO DÓREA

A obra *70 anos de Colunismo Social de Hélio Dórea* (2025) celebra a história do jornalista que eternizou os grandes momentos da sociedade capixaba. Aos 94 anos, Hélio Dórea é o jornalista mais longevo do mundo em atuação diária. Para contar a história dessa trajetória única de um recordista, Lino Resende compilou momentos inesquecíveis de sua carreira e grandes momentos que marcaram gerações. Nascido no interior da Bahia, em Feira de Santana, Hélio Dórea viveu na fazenda dos pais até sair para o curso de Farmácia, em Salvador. Em seguida, foi morar em Vitória para fazer o vestibular de Odontologia. Formado dentista, nunca pensou em ser jornalista, carreira que iniciou por acaso, substituindo um colega colunista de *O Diário*, que precisou viajar. O que era para ser temporário, virou carreira. De *O Diário* mudou-se para *A Gazeta*, onde permaneceu por 44 anos. Iniciou como colunista, passando a ser também diretor comercial. Primeiro chefe do cerimonial do Palácio Anchieta (Palácio do governo do Espírito Santo), o jornalista viveu uma trajetória de glamour, acompanhando os momentos sociais e políticos mais importantes do Estado. Como legado, ajudou a estruturar o curso de Jornalismo na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).



Entrevista

transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.



GABRIEL CHALITA

Educação e semiótica

Arnaldo Niskier: Hoje, com alegria enorme, anunciamos a presença, no nosso programa, do professor e escritor Gabriel Chalita. Ele é um nome consagrado hoje na educação brasileira e vai nos contar um pouco da sua experiência. Você é especialista em educação e em semiótica. O que é semiótica?

Gabriel Chalita: Boa pergunta. Primeiro, é um prazer estar aqui. Professor Niskier, o senhor sabe do meu respeito, do meu carinho, da admiração pelo senhor, pela sua história, por tudo o que fez e faz pela educação no Brasil. E semiótica é uma ciência que estuda os signos, os processos de comunicação. Na verdade, os seres humanos se comunicam de muitas maneiras e, dentro desse processo, algumas pessoas dizem algumas coisas, outras interpretam outras coisas. A mensagem, às vezes, vai truncada e a semiótica analisa essas questões. O que é o *ethos*? Aquele que diz alguma coisa. O que é o *pathos*? A fragilidade ou a força de quem recebe aquela mensagem. E ela trabalha em várias áreas. Então, por exemplo, hoje a gente tem uma semiótica ligada às redes sociais. O que significam hoje para uma criança e um adolescente as redes sociais? Isso é uma preocupação que nós, educadores, temos que ter. Quando um pai dá um celular para o seu filho, com quatro, cinco, seis anos, talvez cedo demais...

Arnaldo Niskier: Isso me faz lembrar de uma grande figura que foi nossa amiga comum, Lygia Fagundes Telles. Ela amava você intensamente. Eu me lembro bem disso. Que lembrança você tem da Lygia Fagundes Telles?

Gabriel Chalita: A primeira lembrança que eu tenho dela... Eu tinha lido a obra dela e era um jovem estudante de filosofia e autor de alguns livros. E escrevi um livro chamado *Mulheres que Mudaram o Mundo*. Eu tinha 19 para 20 anos e era meio encantado assim com a Lygia. E um amigo falou assim: "Liga para Lygia e convida a Lygia para o lançamento do seu livro." E eu falei assim: "Como é que eu falo com a Lygia Fagundes Telles?". Aí eu, jovenzinho, em Cachoeira Paulista, liguei. Só tinha telefone fixo na época. Ela atendeu. Falei: "Olha, me chamo Gabriel Chalita, sou um escritor do interior de São Paulo, Cachoeira Paulista. A senhora é minha ídola na literatura". "E o que você já leu meu?" Aí comecei a falar dos romances, dos contos. Quando foi para os contos, ela falou assim: "Mas você leu tudo isso de conto?" Eu falei: "Se quiser eu conto a história de cada um dos contos." E aí eu falava: "Queria muito que a senhora fosse ao lançamento do meu livro, que é dedicado a senhora." Ela falou assim: "Eu não prometo, mas eu vou anotar o endereço. Aguarde um pouco." Aí chamou uma pessoa. Era um bar que chamava Bar Lanterna, na Vila Madalena. Quando cheguei, ela estava na porta e fiquei numa emoção, porque ela não me conhecia, mas ela viu que era um escritor... Estava me esperando. A partir dali, a gente teve uma amizade até a morte dela. Depois ela que

me levou para Academia Paulista. Todas as vezes que fui secretário, ela foi em todas as posses. A gente saía toda semana praticamente para almoçar, para jantar.

Arnaldo Niskier: Quando você entrou para a Academia Paulista de Letras, foi pelas mãos dela?

Gabriel Chalita: Foi pelas mãos da Lygia. A Esther de Figueiredo Ferraz era membro da academia também, o Miguel Reale, e todos eles foram lá, o Antônio Ermírio de Moraes, Nalini, Paulo Bonfim, mas a ideia foi da Lygia. Então tinha uma coisa muito profunda, muito bonita. Dediquei aquele e mais uns dez livros para ela. Depois, peças de teatro. A gente desenvolveu uma relação muito bonita e ela era muito generosa. Também fui muito amigo da Nélida. A Nélida eu também conheci muito jovem. Ela também tinha esse interesse (como você tem) pela vida do outro. Eu acho que o escritor se alimenta, no melhor dos sentidos, das vidas das outras pessoas, das histórias das outras pessoas. Ninguém consegue ser um bom escritor se ele não for um espectador atento da vida do outro, se ele não prestar atenção no outro.

Arnaldo Niskier: Com a inteligência artificial, ficamos assustados. Como especialista em semiótica, como vê a inteligência artificial no processo cultural brasileiro?

Gabriel Chalita: Não tem volta. Não dá para criticar, dizendo que era melhor sem. A tecnologia não tem volta. Acho que a tecnologia melhorou muitas coisas. Então, a inteligência artificial pode ajudar a melhorar muitas coisas. A gente tem uma saúde hoje muito melhor por causa da tecnologia e da inteligência artificial. A gente tem as operações por robótica, mecatrônica. Você tem uma segurança de aviação, de voo de trem, de navio... Muito mais seguros com as questões tecnológicas. Então, acho que ela veio para ficar. A grande questão é: "Onde é que entra o ser humano nisso?" Nós não somos máquinas. Máquinas não educam seres humanos. Seres humanos educam seres humanos. Então, temos que olhar a tecnologia e a inteligência artificial como um assistente do ser humano, não como um substituto do ser humano. Aí é um grande equívoco quando você acha que só com robôs vai conseguir desenvolver uma educação de qualidade e isso não existe.

Arnaldo Niskier: E como é que você vê, como especialista, a decisão da Rede Globo de adotar a inteligência artificial para valer, não é brincadeira. Está adotando como fundamento da sua ação cultural pedagógica. Como é que você vê isso?

Gabriel Chalita: Eu acho ótimo. Eu acho correto, acho transparente. Não é uma substituição para seres humanos. A gente sempre precisará de seres humanos. E isso é um pouco parecido, quando os maestros começaram a utilizar a tecnologia. Não existia isso nas composições de Bach, de Beethoven. De repente vem toda a tec-

nologia e pensam: "Então não vai precisar mais de maestro. Isso aí, inclusive, afina os desafinados." Tudo isso é utilizado e você continua com maestros, continua com músicos. Continuo precisando. A inteligência artificial vai tirar alguns empregos de atividades que são repetitivas. As atividades criativas, isso é do ser humano. Cada vez mais você pega núcleos em que há uma necessidade imensa de mão de obra qualificada de pessoas na criatividade. A indústria e a agricultura são duas áreas muito tecnológicas, com menos necessidade de mão de obra.

Arnaldo Niskier: E você falou em agricultura, é uma revolução extraordinária. Gostaria que contasse um pouco sobre a sua experiência teatral. Ela é muito rica e acho que os nossos telespectadores gostariam de saber um pouco mais sobre o Chalita teatrólogo.

Gabriel Chalita: Sou apaixonado por teatro. Quando fiz peça como ator, há muito tempo, fui dirigido pelo Walmor Chagas e eu, na época, me apaixonei. Fiz "Ópera do malandro". Walmor Chagas, o grande Walmor Chagas no Teatro Ziembinski, na Tijuca, no Rio de Janeiro. E eu tinha 18, 19 anos. Depois fui fazer outras coisas na vida. Fui me dedicar mais à academia, como professor, e hoje tenho várias peças escritas, algumas que fizeram bastante sucesso. Por exemplo, eu fiz uma peça sobre o Nelson Gonçalves, que ficou quatro anos em cartaz e era o centenário do Nelson Gonçalves, que chamava "O Amor e o tempo", que é o lado feminino e o masculino do Nelson Gonçalves, contando toda a sua história. Dois cantores incríveis, o Guilherme Logulo, que fazia o homem Nelson Gonçalves, o lado masculino, e a Julie, que é uma cantora incrível também, que fazia o lado feminino. Na verdade, era uma briga da razão e emoção do Nelson Gonçalves. Foi muito bonito assim, porque o Nelson Gonçalves tem uma família grande e consegui levar todos os filhos de lugares diferentes e amaram a peça. No Rio e em São Paulo. Inclusive, tive a honra de ter o professor Arnaldo Niskier na estreia aqui, no Rio de Janeiro, dessa peça. Tenho uma peça que está em cartaz em São Paulo, esteve no Rio, agora está em São Paulo, que chama "Entre Franciscos, o Santo e o Papa". É uma peça que está com Paulo Gorgulho e com o César Mello. É uma peça que se passa na lavanderia do Vaticano. O Papa criou uma lavanderia para a população em situação de rua. Papa Francisco está cansado dos barulhos do mundo, dos feminicídios, das guerras, das mortes, dos refugiados. Sobre tudo isso. Ele entra e vai falando sobre esses barulhos todos e que ele prefere ouvir o barulho da máquina de lavar roupa. E ele vê um homem esperando a sua roupa ficar limpa, é São Francisco e ele não sabe que é. Acha que é um morador que está nas ruas e aí começa o diálogo. É um texto muito tocante e o meu amigo Fernando Haddad, quando saiu o livro também, quando ele foi a Roma, entregou para o Papa Francisco e a reação do Papa foi linda. "Quem sou eu para estar numa peça ao lado de São Francisco." Esse Papa é um Papa do diálogo. É uma peça que está em cartaz. Tive uma peça feita pela Bibi Ferreira. Isso é uma honra da minha vida, dirigida pelo Jorge Tacla, uma peça que chamava "De tudo que mora em mim" e a Bibi fez no Renascença, em São Paulo, uma leitura dramática. O Tacla é um craque também é um grande diretor. Tive uma peça também chamada "Sorriso de Mãe", a história de um filho que a mãe está morrendo e ele começa a contar histórias para ter pelo menos um último sorriso da sua mãe.

Arnaldo Niskier: Tem alguma que você considere a maior de todas?

Gabriel Chalita: Eu não posso falar isso

que eu deixo os artistas magoados, os que fizeram... A da Bibi é sempre um marco. A que fez mais sucesso, mais tempo em cartaz foi a do Nelson Gonçalves. Lotava os teatros porque as músicas são lindas. A Bibi lotou, mas ela tinha um tempo curto para fazer porque estava fazendo Piaf na época, tinha que voltar com Piaf. Essa do Papa está lotada também e é muito bonita. Eu acho que para nós, que somos escritores, quando você vê o seu texto no palco, é uma outra dinâmica. Tenho uma peça que chamava “Hortense, a Velha”, que era a história de uma mulher (uma comédia essa peça) fechando um cabaré e ela resolve contar fofocas de quem passou pelo cabaré. Então ela fala de Michelangelo, de Maquiavel, de Sócrates, e vai contando. Os mitos da cultura. E ela conversa com uma gambá grávida, que ela cisma que tem um barulho, com uma irmã morta e com uma goteira. E a goteira, para mim, é o ponto da solidão. E quem fez essa peça ela chama Greice Gianluca, é uma grande atriz, está fazendo Dercy Gonçalves agora. Vi ela dando uma entrevista (comigo na entrevista) e perguntaram assim: “Greice, mas Hortense teve um cabaré?” “Claro que teve um cabaré.” Fiquei olhando para ela. “Não teve Chalita?” Falei assim: “Não. A Hortense era uma mulher que lia muito, que gostaria de ter tido tudo isso e nunca teve nada. E ela vive dos livros, então ela inventa.” “Mas para mim, quando eu li o seu texto, eu achei que ela tivesse tido um cabaré, mas que ela se confunde.” E eu falo assim: “Mas se você acha que teve, teve, essa é a riqueza da obra de arte.” A discussão da Capitu, do Machado de Assis, traiu ou não traiu? Talvez nem ele soubesse, não é? A riqueza de você fazer uma obra... E a Lygia, quando falava do Machado, dizia assim: “Ele é melhor do que Flaubert, Flaubert não deixa dúvidas. Você lê *Madame Bovary*, você sabe tudo. Machado você lê, tem dúvidas. É a riqueza do escritor de respeitar, inclusive, a inteligência daquele leitor. É lindo isso. *Dom Casmurro*. Os contos são impressionantes. A compaixão que tem naqueles contos, naquelas narrativas, é genial, é incrível. Claro que Machado é um autor também muito celebrado no Brasil, mas às vezes alguns autores brasileiros são aplaudidos lá fora antes até do que aqui, como artistas. Agora, na comemoração do teatro de revista português, o único artista não português homenageado é Bibi Ferreira, que é uma brasileira. E a gente fala pouco dela aqui, porque às vezes as pessoas morrem e você esquece e não é para esquecer.

Arnaldo Niskier: É uma pena. A Bibi era filha do Procópio Ferreira, que também foi um grande ator. É uma coisa de família, é uma coisa impressionante.

Gabriel Chalita: E é bonito. A Bibi, com 90 anos, foi fazer Frank Sinatra, nos Estados Unidos, e foi aplaudida de pé. Aos 90 anos e ela não parava de ter projeto. Acho que é isso que dá essa longevidade. Ela estava fazendo uma peça chamada “Às favas com os escrúpulos”. Isso com 87, 88, com dois projetos.

Arnaldo Niskier: A educação brasileira vive um período que poderia ser melhor. A sua opinião como educador é fundamental. Gostaria de ouvir sua opinião sobre o atual estágio da educação brasileira. Você é um especialista muito respeitado. Foi secretário de Estado de Educação de São Paulo, também secretário municipal de Educação, uma larga experiência na área. O que lhe parece?

Gabriel Chalita: Queria celebrar porque somos otimistas, somos apaixonados pela vida, mas a educação não está num bom momento. Acho que até para melhorarmos, temos que saber que não está num bom momento. O Brasil

teve muitas rupturas de processos educacionais. É quase que uma imaturidade política a falta de continuidade de políticas públicas. Você troca prefeitos ou troca secretários municipais de educação ou troca governadores e aí quem vem para com o que o outro estava fazendo, não dá continuidade. Algumas questões básicas precisam ser respeitadas. E se a gente olhar os países que estão indo bem na educação, olhar o Pisa, os países mais bem avaliados em termos de educação, o que eles têm? Ponto um: ampliação do currículo. A gente precisa de escolas em tempo integral. Aqui começa uma grande injustiça. A pessoa que tem dinheiro fica uma parte na escola ou ela está numa escola de tempo integral. Quando ela não está, a outra parte, vai para a academia, vai fazer inglês, mandarin, espanhol, vai praticar atividade. A pessoa que é pobre tem o que você oferece para ela. Ela não tem condições de pagar alguma outra coisa. Então, os países bem avaliados têm uma ampliação de currículo. O Brasil patina nisso. Em 1940, o Anísio Teixeira, construiu a primeira escola de tempo integral no Brasil, que ficava na Bahia, Escola Parque de Salvador. Então, a gente tem o histórico de saber como faz isso, mas cada governo vai numa linha e a gente não avança. Exatamente. Ele fez o primeiro projeto que foi copiado por muitos países e aqui por brigas políticas. O primeiro ponto é ampliação de currículo. O segundo ponto é a valorização de professor, formação de professores. O professor é a alma do processo educativo. Você tem que valorizar os professores em três lugares: cabeça, coração e bolso. Cabeça é formação continuada. O mundo foi mudando. Quando a gente fazia pedagogia, não se falava de *bullying*, de automutilação, de suicídio. E não é que o professor seja o psicólogo desses alunos, mas ele tem que saber como construir uma bagagem que seja ao mesmo tempo cognitiva, social e emocional. Então o professor não tem tido a formação que precisaria ter, não tem tido a valorização que ele merece ter e financeiramente também não.

Arnaldo Niskier: Daí as greves.

Gabriel Chalita: Exatamente.

Arnaldo Niskier: Duraram mais tempo do que era suportável.

Gabriel Chalita: Nesse ano, a gente teve quase 90 dias de greve em universidades públicas.

Arnaldo Niskier: Sobretudo no ensino superior.

Gabriel Chalita: O que é muito ruim. E não é que o professor queira fazer greve. Ninguém gosta de greve. É um grito, é um chamado.

Arnaldo Niskier: É uma revolta.

Gabriel Chalita: E a outra questão: temos que trazer as famílias para a escola. Sinto cada vez mais que isso é profundamente essencial. Você só consegue completar um processo educativo com participação familiar. Com a escola fazendo uma coisa e a família totalmente desconectada disso, você não melhora esse processo relacional. Acho que nenhuma dessas premissas estão sendo colocadas como essencial. Aí a gente vê os problemas da pandemia que fizeram com que muitas crianças não tivessem sido alfabetizadas.

Arnaldo Niskier: Que renderam, a meu ver, mais tempo do que seria suportável.

Gabriel Chalita: Muito mais tempo. Ao contrário de algumas escolas privadas, que tinham aulas síncronas, muitos desses alunos não foram alfabetizados. Eles estavam numa escola e foram passando de ano sem ter aula nenhuma.

Arnaldo Niskier: O drama da escola pública.

Gabriel Chalita: Dou palestras no Brasil todo. Quando eu chego em algum lugar e quando alguém levanta a mão, no interior da Bahia, Rio Grande do Sul, e fala assim: “Professor, uma pergunta. Eu sou professor de ciências do quinto ano e nenhum aluno meu sabe ler e escrever. E eu não sei alfabetizar. Como e como é que eu dou aula de ciências se ninguém foi alfabetizado?” A gente foi passando de ano todo mundo, porque não ia reprovar por causa da pandemia, ninguém tendo aula, mas não se preparou um processo de suprir aquela ausência da não alfabetização.

Arnaldo Niskier: Exato. Entender a crise e superá-la. E não se superou.

Gabriel Chalita: Falta uma consciência de que a educação não pode ser política de um partido. Não pode nem ser política de um governo. É uma política de Estado.

Arnaldo Niskier: Mas na prática a coisa não funciona.

Gabriel Chalita: E há muita perfumaria. Aham que vão colocar lousa digital e todo mundo vai aprender. Não vai, isso é acessório. O professor, bem pago, preparado, valorizado, vale muito mais do que essa lousa digital. “Ah, não, a gente paga muito bem. Está tudo resolvido.” Está sobrando dinheiro, aí você põe a lousa digital, mas não tem sentido se você não compreender essa importância relacional. Não existe educação sem somar esses três pilares: cognitivo, social e emocional. Você precisa ampliar repertórios. A gente estava dando o exemplo do Machado de Assis. Você pode ler um conto “Pai contra mãe”, do Machado de Assis, por exemplo, que é um conto belíssimo sobre escravidão, sobre compaixão, sobre pensamento ético. Em um conto, você trabalha a bagagem cognitiva, a bagagem social (Como é que aquela lei autorizava a escravidão naquele tempo? O que aconteceu depois?) e a dimensão humana. Aquele homem que não queria prender aquela menina em situação de escravidão, mas era o jeito que ele tinha para salvar o filho dele. Num conto, você trabalha uma dimensão profunda das relações humanas.

Arnaldo Niskier: Bem Machado.

Gabriel Chalita: Tive na China há não muito e hoje é o primeiro país no Pisa em termos educacionais. China, Finlândia, Israel, Coreia, países que conseguiram ter um grande aparato tecnológico...

Arnaldo Niskier: Cingapura.

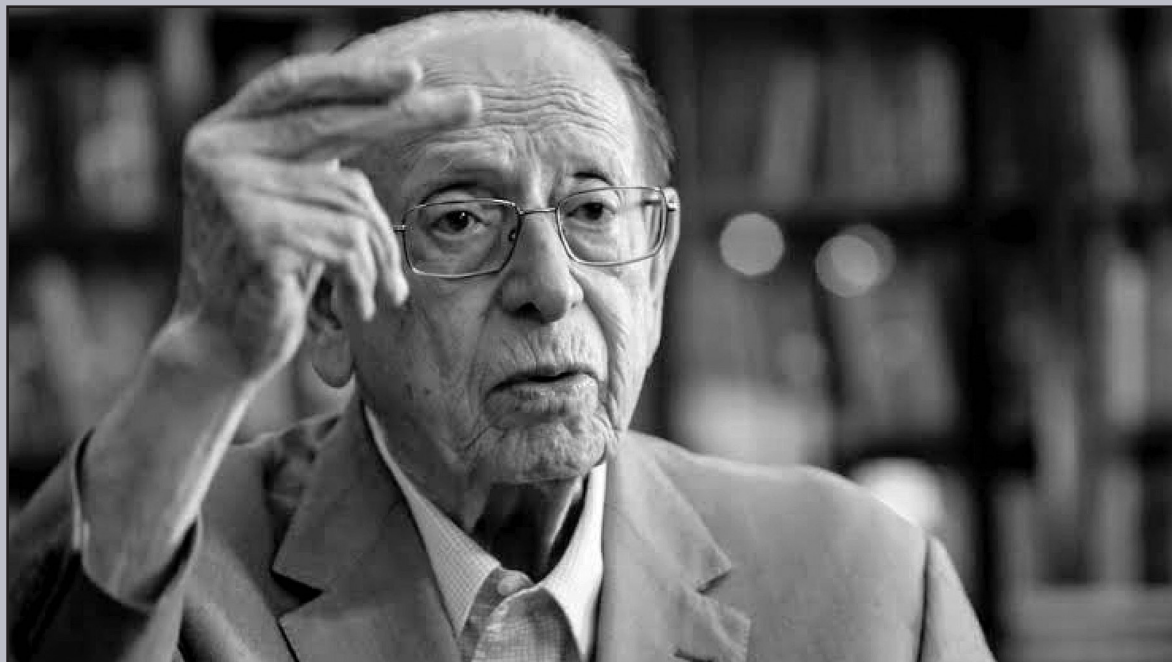
Gabriel Chalita: Cingapura... Todos voltaram com contação de histórias, com os livros físicos, com música. China tem aula de música todos os dias. Israel tem aula de música. Por que isso? Não é só uma dimensão técnica, não é um tecnicismo, é uma dimensão relacional. Repito: máquinas não educam pessoas, pessoas educam pessoas.

Arnaldo Niskier: E no caso do Brasil, como você citou, o fato é que somos um povo musical, então temos uma riqueza de compositores, como Tom Jobim, que são de uma riqueza extraordinária e acho que não aproveitamos isso para educação de forma adequada. Quero agradecer muito a presença de Gabriel Chalita, desejar sucesso nas suas atividades como escritor, como homem de cultura que é. Estou certo de que ele ainda fará um bem enorme ao nosso país em tudo aquilo que ele se envolve.

Adeus ao saudoso professor Bechara

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



O saudoso Evanildo Bechara, um dos maiores gramáticos do Brasil, exemplo e referência para uma legião de admiradores.

Referência para gerações de pesquisadores e professores da área, um dos maiores filólogos e gramáticos do Brasil, o professor Evanildo Bechara teve falecimento múltiplo dos órgãos no dia 22 de maio, aos 97 anos, deixando órfã uma legião de admiradores.

Integridade, simplicidade, generosidade e cordialidade, somadas à genialidade do ofício, conferiam ao professor Bechara uma aura de rara unanimidade. Quinto ocupante da cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho, Bechara circulava entre seus pares semeando gentileza e compartilhando sabedoria. O presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Merval Pereira, não poupou elogios: “Evanildo Bechara era o maior especialista em língua portuguesa, com fama que ultrapassa nossas fronteiras. Representou o Brasil na reforma ortográfica feita com Portugal. Além de tudo, era um professor generoso e uma pessoa íntegra e cordial.”

O diplomata e colega de ABL, escritor Edgar Telles Ribeiro, lamentou a perda do “grande intelectual e figura humana”: “Ele sorria com aquele jeito modesto dele, um jeito tão doce e inesquecível, cada vez que eu creditava a seus livros ter sido aprovado em português no Vestibular do Rio Branco, de tão seguro que sempre me senti graças a seus ensinamentos.”

Nascido em Recife, em 26 de fevereiro de 1928, Evanildo Cavalcante Bechara foi uma das mais influentes figuras da gramática em nosso país. Filho de pai árabe e mãe maranhense, mudou-se adolescente do Recife para o Rio de Janeiro, compelido por uma precoce orfandade, para concluir a formação escolar na companhia de um tio-avô, também pernambucano. Desde cedo mostrou vocação para o magistério, que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol. Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964.

Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chegou à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964. Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992. Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968

a 1988. Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Entre os seus prêmios estão as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e a medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

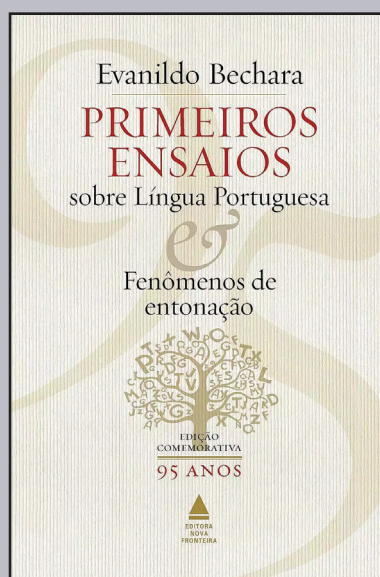
Ainda adolescente, Bechara descobriu a lexicologia, área que estuda tanto o léxico de uma língua quanto o contexto histórico e cultural em que ela é falada. Aos quinze anos, conheceu o professor Manuel Said Ali, renomado estudioso da língua portuguesa que tornou-se o seu mentor no campo dos estudos linguísticos. Dois anos depois, escreveu seu primeiro ensaio, intitulado “Fenômenos de entonação”, publicado em 1948, com prefácio do filólogo mineiro Lindolfo Gomes. Em 1954, ele foi aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II.

Ao longo de décadas, Bechara acompanhou de perto as metamorfoses da língua.

Entre outros títulos, Bechara foi diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988; secretário-geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1965 a 1975; diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977; membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984; chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984; chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal). Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro.



Neste volume, uma edição comemorativa da Nova Fronteira, foram reunidos os primeiros ensaios sobre língua portuguesa, primeira obra de cunho científico de Evanildo Bechara, publicada originalmente em 1954, e o ensaio Fenômenos de entonação, um capítulo de fonética expressiva, trabalho com que o prestigiado estudioso ingressou no mundo da filologia com apenas 17 anos.

Membro da *Société de Linguistique Romane* (de que foi membro do *Comité Scientifique*, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Club do Brasil. Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

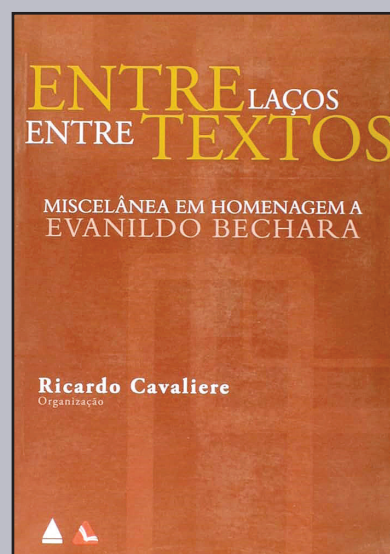
Bechara é autor de diversas gramáticas da língua portuguesa, destinadas ao público em geral e aos profissionais (veja a bibliografia a seguir). Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em

1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção-geral de Antônio Houaiss.

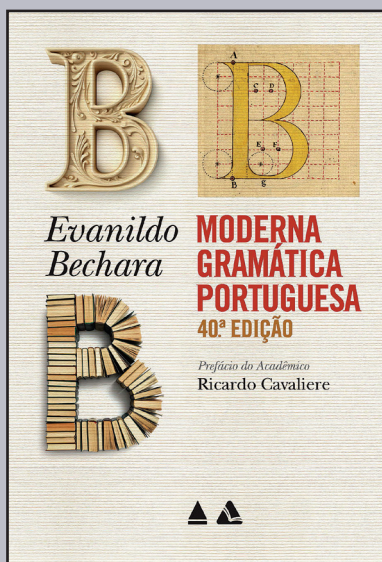
O saudoso acadêmico foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, com apoio da Folha Dirigida, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005. A convite da Nova Fronteira, integrou o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005, foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.

Em 2008, pela passagem de seus 80 anos, recebeu, como homenagem, uma miscelânea intitulada *Entrelaços entre textos*, editada e publicada pela Nova Fronteira, cuja organização, apresentação e resumo biobibliográfico coube ao professor doutor Ricardo Cavaliere, seu colega acadêmico.

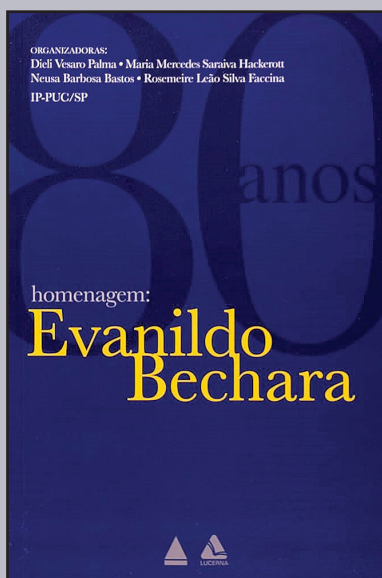


Os textos reunidos nesta obra (*Entrelaços, entre textos*) traduzem-se em um agradecimento a Evanildo Bechara, por ocasião de seus oitenta anos, em virtude de sua contribuição aos estudos humanísticos brasileiros.



40ª edição da *Moderna Gramática Portuguesa* (Ed. Nova Fronteira), do Professor Evanildo Bechara.

Ainda em 2008, foi lançada, também pela Nova Fronteira, *80 anos Homenagem: Evanildo Bechara*, obra que aborda a trajetória do professor, gramático e escritor por meio de observação de colegas, alunos, amigos e admiradores.



A publicação em homenagem aos 80 anos é produto do GT Historiografia da Linguística Brasileira da Anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) e do GPeHLP (Grupo de Pesquisas em Historiografia da Língua Portuguesa do IP-PUC/SP).

BIBLIOGRAFIA LIVROS

A contribuição de M. Said Ali à linguística portuguesa. Porto Alegre: Instituto Cultural Brasileiro-Árabe, 1970.

A nova ortografia. Rio de Janeiro: Grifo, 1972.

Aprendendo a estudar, ler e escrever (em coautoria com Amauri Pereira Muniz e José Augusto Carvalho). Vitória, Brasília, 1974.

Comunicação e expressão, curso fundamental de português, 5ª série, (em coautoria com Maria Zely de Souza Muniz). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

Comunicação e expressão: 1ª série, 2º grau (em coautoria com Samira Nahid Mesquita, Marlene de Castro Correia e Célia Therezinha G. da V. Oliveira). Rio de Janeiro: Francisco Alves/Edutel, 1977.

Curso moderno de português. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 1-2, 1968/1969.

Fenômenos de intonação: um capítulo de fonética expressiva. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1946.

Gramática escolar da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

Guias de estudo de língua e de linguagem – da linguística ao ensino da língua. Niterói, RJ: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, v. 3, 1977.

Guias de estudo de língua e de linguagem – dos termos lingüísticos ao seu conceito. Niterói, RJ: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, v. 2, 1977.

Guias de estudo de língua e de linguagem – instrumentos de avaliação. Niterói, RJ: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, v. 4, 1977.

Guias de estudo de língua e de linguagem – introdução linguística. Niterói, RJ: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, v. 1, 1977.

Hora de aprender: comunicação e expressão – 1ª série (em coautoria com Carminda de Moraes, Gilda Marra, Nair Adell e Nilza Neiva). Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

Hora de aprender: comunicação e expressão – 2ª série (em coautoria com Carminda de Moraes, Gilda Marra, Nair Adell e Nilza Neiva). Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

Hora de aprender: comunicação e expressão – 3ª série (em coautoria com Carminda de Moraes, Gilda Marra, Nair Adell e Nilza Neiva). Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

Lições de português pela análise sintática. 16ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001 [Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960].

Língua e linguagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

Luís de Camões, Os Lusíadas – antologia (em coautoria com Segismundo Spina). 2ª ed. revista e ampliada. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999 [Rio de Janeiro: Grifo/INL-MEC, 1973].

Manual de redação oficial do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação, 2000.

Moderna gramática portuguesa. 37ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999 [São Paulo: Nacional, 1961].

O ensino da gramática: Opressão? Liberdade? 12ª ed. São Paulo: Ática, 2006 [São Paulo: Ática, 1985].

Primeiros ensaios sobre língua portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1954.

Exercícios de linguagem: curso médio. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1954.

Seleta de Bernardo Elis (em coautoria com Gilberto Mendonça Teles). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

Minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

A nova ortografia. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008 (4ª impressão).

O que muda com o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008 (5ª impressão).

Estudo da língua portuguesa: textos de apoio. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. Ministério das Relações Exteriores, 2010.

Lições de Português pela Análise Sintática. 19ª edição revista e ampliada, com exercícios resolvidos. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira / Editora Lucerna, 2014.

Gramática Fácil – 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2014.

Moderna Gramática Portuguesa – Nova edição revista e ampliada pelo autor. 38ª edição. Editora Nova Fronteira / Editora Lucerna, 2015.

Fatos e Teoria de Língua Portuguesa para orientação de professores. Inédito. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira.



O professor Evanildo Bechara participou ativamente das *Maratonas Literárias do Rio de Janeiro*, uma iniciativa de incentivo à leitura – parceria da ABL com o Instituto Antares de Cultura. Na foto, com o colega acadêmico Arnaldo Niskier e as professoras Lucia Venina, Manoela Ferrari e Marlene Blois, parceiros do projeto.

Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

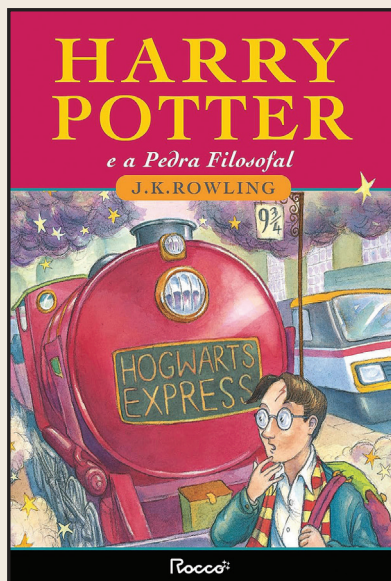
Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Por um mundo melhor!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Neste número, nossa página está especial, comemoramos vários acontecimentos importantes. O primeiro se refere aos 26 anos da própria página, sempre com destaque para a produção nacional, seus autores e ilustradores. Ao longo do tempo, reunimos uma coletânea do desenvolvimento da literatura infantil e juvenil.

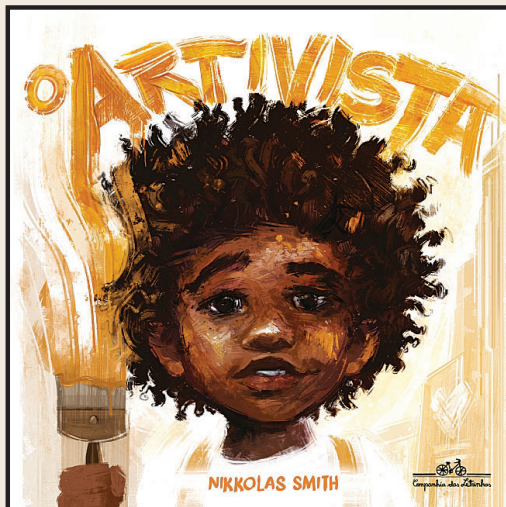
Festejamos com entusiasmo o aniversário do professor e acadêmico Arnaldo Niskier, comemorado no dia 30 de abril. Com saúde, alegria e mente afiada, os 90 anos do mestre foram celebrados em vários eventos. Niskier, além de uma vasta produção de textos educacionais, é autor de inúmeros livros infantis, com destaque para *O Dia em que o Mico-leão Chorou*, com nova edição da Escrita Fina.



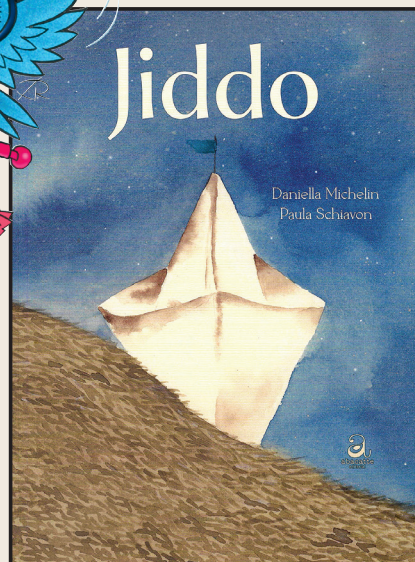
Parabenizamos a Editora Rocco em seu aniversário de 50 anos e os 25 anos do lançamento de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, primeiro livro da saga do bruxinho.

Mas, as alegrias são enevoadas por diversas situações aflitivas que preocupam a todos nós. Os livros que selecionamos ajudam a pensar e a analisar possíveis soluções ou alternativas para serem conversadas com as crianças.

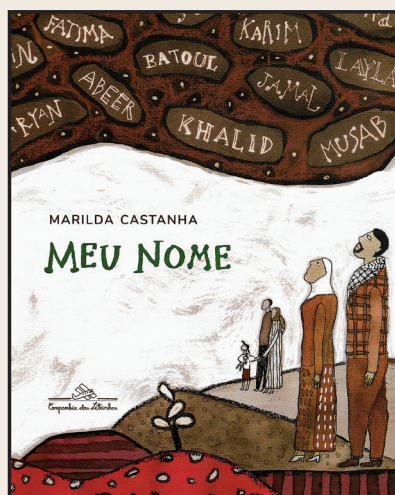
O Artivista – (Companhia das Letrinhas – tradução de Debora Missias Alves e Gabriela Ubrig Tonelli) – O artista americano Nikkolas Smith uniu as atividades de artista, ilustrador e ativista pelas causas sociais no termo *artivista* – aqueles que com sua capacidade de comunicação através da arte, lançam ideias de empatia e comprometimento social. As minorias e os conflitos



tos são lembrados em seus desenhos pela cidade e na internet. Tal como o artista inglês Banksy que também questiona as situações políticas e sociais em grafites pelas ruas.



Jiddo – (Abacatte) – Daniella Michelin escreveu e Paula Schiavon ilustrou – *Jiddo* é um imigrante que veio de uma terra distante. Trouxe consigo memórias e tradições que atravessaram gerações. O carinho entre *Jiddo* e a neta Lúcia, além de histórias, traz lembranças e hábitos perpetuados pela cultura. Lindo livro.



Meu Nome – (Companhia das Letrinhas) – Marilda Castanha escreveu e ilustrou esse comovedor texto sobre as crianças que vivem impactadas pelas guerras e com a esperança por um mundo de paz. Um nome é muito mais do que uma palavra, é como nos reconhecemos e nos inserimos na história. Saber quem somos, de onde viemos, nos ajuda a resistir.



Nuvem de Areia – (Pequena Zahar) – Texto de Otávio Júnior e ilustrações de Anna Cunha – A notícia ao acaso, em um jornal, desperta no menino a curiosidade sobre a nuvem de areia anunciada e que chegará em breve. Como as areias do deserto do Saara, no continente africano, podem atravessar o oceano e chegar ao Brasil? Em sua busca, ele encontra a sua própria origem e de seus ancestrais, uma descoberta apaixonante.

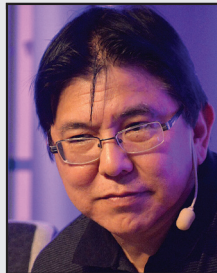
Eu Penso Sempre em Você – (FTD) – Texto de Leo Cunha e ilustrações de Salmo Dansa – Com sensibilidade e delicadeza, Leo Cunha apresenta o conflito da elefantinha com a convivência de pais separados. Ela não quer que o pai fique aborrecido por ela gostar do namorado da mãe. Salmo Dansa, com a criatividade de retratar os personagens como elefantes, distancia emocionalmente as crianças da narrativa, o que as auxilia a compreender e compartilhar seus próprios sentimentos.



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



OSCAR FUSSATO NAKASATO

(Maringá, 1963). Neto de imigrantes japoneses, Oscar é paranaense, mestre em Teoria da Literatura e Literatura

Comparada, doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual Paulista. Atua como professor de Comunicação Linguística na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus de Apucarana. Autor e coautor de inúmeras obras. Seu livro *Nihonjin* foi o vencedor do 1º Prêmio Benvirá de Literatura, em 2010; e vencedor do 54º edição do Prêmio Jabuti, na categoria romance, em 2012. Segundo o autor, o romance nasceu de uma frustração. Ao defender sua tese de doutorado em Literatura Brasileira em 2002, Nakasato ficou decepcionado com a falta de representatividade nikkei na nossa literatura e por isso decidiu escrever um romance sobre a imigração japonesa no Brasil, com personagens que indicassem a presença de japoneses e seus descendentes no país, mostrando sua cultura e seus conflitos identitários. Nakasato nasceu em 1963 em Maringá, Paraná, neto de imigrantes japoneses. cursou Letras na Universidade Estadual de Maringá, fez mestrado em Teoria da Literatura e doutorado em literatura brasileira na Universidade Estadual Paulista. Foi também colaborador do caderno Ilustrada, da *Folha de S. Paulo*, onde escrevia críticas sobre obras japonesas. É professor em literatura e letras na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Nakasato vive desde 2007 em Apucarana (PR), é casado e tem dois filhos. Obras: *Nihonjin* (2011); *Dois* (2017); *Ojiichan* (2024). Premiações: 2011 – Prêmio Benvirá de Literatura; 2012 – Prêmio Jabuti, na categoria Romance Literário.

acervo JL



LÁZARO RAMOS

Luís Lázaro Sacramento de Araújo Ramos (Salvador, 1 de novembro de 1978) é ator, apresentador, ativista, escritor e cineasta brasileiro. Atuando pelos

mais variados campos das artes, ele ganhou vários prêmios, incluindo quatro Prêmios Arte Qualidade Brasil, dois Prêmios APCA, além de dois Kikitos do Festival de Gramado. Considerado um dos principais atores de sua geração, iniciou sua carreira em produções teatrais do Bando de Teatro Olodum na década de 1990. Em 2002, ganhou notoriedade no papel de Madame Satã no cinema. A partir daí, passou a destacar em produções de sucesso como *O Homem que Copiava* (2003), *Cidade Baixa* (2005), *Ó Paí, Ó* (2007), entre outros. Na televisão, atuou em *Dois Caras* (2007), *Lado a Lado* (2012) etc. Escreveu livros, como os infantis *A Velha Sentada* (2010) e *Caderno de Rimas do João* (2015), além do autobiográfico *Na Minha Pele* (2017). Estreou como diretor de cinema em 2019/2020 com o filme “*Medida Provisória*”. Por causa da pandemia, o filme estreou primeiramente em festivais internacionais de cinema. O filme *Medida Provisória* (Executive Order) conquistou prêmios internacionais, como o troféu de Melhor Roteiro no Indie Memphis Film Fest. Lázaro Ramos é torcedor do Vitória, ativista dos direitos humanos e de conscientização contra o racismo. É embaixador do UNICEF no Brasil desde julho/2009. Lázaro é casado com a atriz Taís Araújo, mãe de seus dois filhos.

acervo JL



EDUARDO GIANNETTI DA FONSECA

(Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 1957)

Economista, professor, autor e palestrante brasileiro, formado na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanidade (FFLCH), ambas da Universidade de São Paulo. cursou doutorado em economia pela Universidade de Cambridge, onde foi professor entre 1984 e 1987 e de 1988 a 2001. Lecionou na FEA/USP. Foi professor no Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa), conhecido anteriormente como Ibmecc São Paulo. Foi assessor econômico do partido político brasileiro Rede Sustentabilidade. Elaborou os planos de governo para a candidata Marina Silva para as campanhas presidenciais de 2010, 2014 e 2018. É autor de diversos livros e artigos, já tendo sido traduzido para diversos idiomas, e ganhado por duas vezes o Prêmio Jabuti: em 1994, com o livro *Vícios Privados, Benefícios Públicos?* (Cia. das Letras, 1993), e em 1995, com *As Partes & o Todo* (Siciliano, 1995). É o sexto ocupante da Cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Letras. Algumas obras: *Órbitas Pedestres* (1981), *Liberalismo versus Pobreza* (1989), *Beliefs in Action: economic philosophy and social change* (1991), *As Partes & o Todo* (1995), *Autoengano* (1997), *Lies we live by: the art of self-deception* (2000), *Felicidade* (2002), *O Valor do Amanhã* (2005), *O Livro das Citações* (2008), *A Ilusão da Alma* (2010), *O Elogio do Vira-lata* (2018), *O Anel de Gíges: Uma fantasia ética* (2020)

O Vargas Llosa que conheci

Por José Nêumanne Pinto*

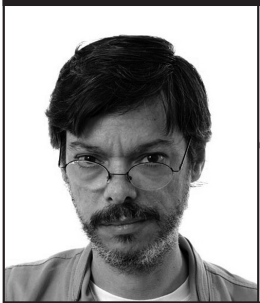
Conheci Mário Vargas Llosa pessoalmente em sua cidade, Lima, na ocasião em que fui ao Peru cobrir para o *Jornal do Brasil* uma eleição presidencial na qual saiu vencedor Alan García, jovem candidato do líder socialista Haya de la Torre. Vi-o pela primeira vez na seção em que foi votar. Os jornalistas que cobriam a votação fizeram uma entrevista coletiva curta falando mais de política do que literatura. Fiquei frustrado, porque eu queria saber mesmo dele como conseguia dominar o humor como se fosse comediante profissional, um Cantinflas limenho. Não tive como introduzir a pergunta e ia precisar de uma conversa bem mais longa, mas só tive com ele alguns encontros fortuitos e muito breves, como uma vez na Livraria Cultura, apresentados um ao outro pelo livreiro Pedro Herz. Em todos os encontros, ele foi sempre frio e cortês, diferente do passional Gabriel García Márquez, sobre cuja obra escreveu um verdadeiro clássico da teoria literária *História de um Deicídio*. Eram muito amigos. Tornaram-se inimigos mortais, primeiro pessoalmente. Gabo, um gênio mulherengo e enxerido, assediou Patrícia, sua mulher, a prima com quem se casara depois das núpcias com a tia Júlia, título de um clássico da comédia, *Tia Júlia e o Escrevinhador*. As relações dos dois gênios se azedariam ainda

mais quando o autor de *Cem Anos de Solidão* tornou-se um fã público de Fidel Castro e o de *A Festa do Bode* (sobre o tirano dominicano de direita Trujillo, inimigo de todas as ditaduras da esquerda e da direita).

Nélida Piñon, nossa amiga comum, indicou-me para escrever sobre política brasileira no jornal *El Nuevo Herald*, versão em castelhano do *Miami Herald*, cujo editor de opinião era filho dele, Álvaro. Não conheci pessoalmente meu editor de então e meus textos estavam alinhados com o pensamento liberal da família por convicção, não por conveniência.

Quando estive em Lima e o conheci, fiz questão de tomar um trago no boteco La Catedral, cenário de *Conversa na Catedral*, na minha opinião seu melhor romance. Uma coincidência interessante de nossos desencontros é que nunca falamos sobre Canudos, tema de seu romance *A Guerra do Fim do Mundo*. A coincidência é que, quando entrevistei Jorge Luís Borges em Buenos Aires e lhe perguntei sobre que autor estava “lendo”, ele respondeu, rápido “Euclides”. Eu fiquei espantado: “O senhor lê em português?” E o portenho respondeu, impaciente: “Eu leio Euclides.” Agora, ao ter notícia na noite passada de seu passamento, pensei que nunca mais terei como conversar com don Mário sobre *Os Sertões*. Afinal, primeiro morreu nossa amiga comum. Nélida, que ficou de promover o encontro. Álvaro Vargas Llosa ainda é vivo, mas parece que estavam de mal, depois que o pai trocou a mãe pela ex-mulher de Júlio Iglesias. Um irresistível enredo para um escrevinhador. Agora foi o próprio peruano. Isto é o de menos: a falta maior que me faz é não saber qual será a nova aventura literária do escritor, que pariu obras de inimitável humor como *Pantaleão e as Visitadoras*, cuja versão cinematográfica vi em Caracas, quando a Venezuela era democrática e o Brasil penava na ditadura. Este sempre foi um dos meus esportes favoritos.

*José Nêumanne Pinto é jornalista e escritor.



Por Zé Roberto

zerobertograuna@gmail.com

arte Desenharte

DUAYER

Quando o jornal *O Pasquim* completou 10 anos de existência, colocou nas bancas uma edição comemorativa com 80 páginas numa edição histórica. Na página 69 – sem malícia – estava lá, um espaço todinho dedicado ao “Humorista especializado em painéis vazios”, frase que define bem o que é o trabalho do cartunista Duayer. Naquela ocasião, o desenhista ofereceu aos leitores 9 desenhos carregados de crítica social, cutucando, com a ponta do lápis, a máxima de que “é preciso primeiro crescer o bolo, para depois distribuí-lo”, frase tacanha dita cinicamente por Delfim Netto, um dos autores do tal “milagre econômico”, durante os governos militares.

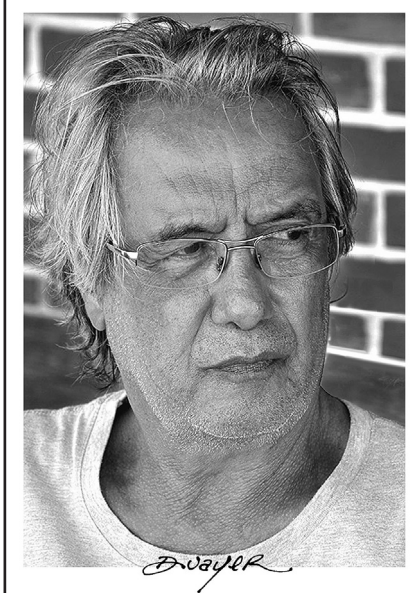
O desenhista de humor, cujo nome completo é José Arimathéa Bastos Duayer, é também um ótimo e premiado fotógrafo, nasceu no município de Tombos – MG, no dia 14 de maio de 1948, é formado em jornalismo pela Universidade Federal Fluminense – UFF, iniciou sua trajetória na imprensa carioca como repórter da rádio *Jornal do Brasil* e, depois de uma passagem como fotógrafo da revista *Manchete*, foi convidado pelo Ziraldo para colaborar com *O Pasquim*.

Num momento quando apenas a fotografia satisfazia sua verve de artista, Duayer, despretensiosamente, desenhando um cartum e depois o jogou fora, mas o atento Henfil viu o desenho e recomendou que continuasse naquela nova atividade. Após o criador dos Fradinhos exibir o cartum aos colegas Jaguar e Fortuna, Duayer uniu o lápis e o nanquim à sua máquina fotográfica e passou a se dedicar também ao humor gráfico. Daí por diante, se consagrou como um dos grandes do nosso desenho de humor.

Mas não foi somente no hebdomadário *O Pasquim* que o cartunista fez História. Desde que começou a produzir cartuns e charges, de seu início, até o final dos anos 1980, Duayer também publicou seus desenhos no *Diário de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *A Crítica*, *Ovelha Negra* e *Pingente* (tabloide que ele editou em parceria com os colegas Coentro, Guidacci, Jésus Rocha e Nani) e nas revistas *Playboy*, *Visão*, *Status*, *Ficção*, *Revista do Homem*, *Mad*, *Revista da Shell*, *O Guarda-Chuva*, *Revista do Faustão* e *O Caixote*.

No início dos anos 1990, Duayer estava há tempos sem produzir, quando colegas do traço o convenceram a participar do 3º Salão Carioca de Humor que, naquele ano, homenageava o Ziraldo. “Eu estava sem desenhar há uns três anos e já havia doado meu material de artes todinho (tintas, pincéis e blocos de desenho), quando o Dil Márcio me persuadiu a remeter um desenho para o salão. Não adiantou meu argumento de que não gostava de disputar com colegas e participar de salões. Sempre fui contra às participações de profissionais em eventos semelhantes. Achava que os prêmios oferecidos deveriam ser distribuídos pelos 5 primeiros lugares ou coisa parecida. Enfim, acabei cedendo e ganhei o 1º lugar na categoria cartum. Foi o primeiro e último salão que participei”, disse. Numa arte “steinberguiana”, Duayer apresentou um desenho com diversos prédios num fundo preto, com a inserção de uma clássica borracha Albion apagando detalhes num movimento em meia lua. Possivelmente, um dos prêmios mais justos daquela edição do saudoso salão da Laura Alvim.

O cartunista também deixou sua marca em diversos livros, entre eles a coletânea de charges e cartuns *No País das Maravilhas* (Codecri/1981), os infantis *Viajante* e *Minha Casa* (ambos pela Callis/1988 e 1999), *Cartas* (Ygarapé/2011), *As Histórias de Meu Avô* (Secretaria de Cultura do Espírito Santo/2013) e *Retratos*, que exhibe uma coleção de



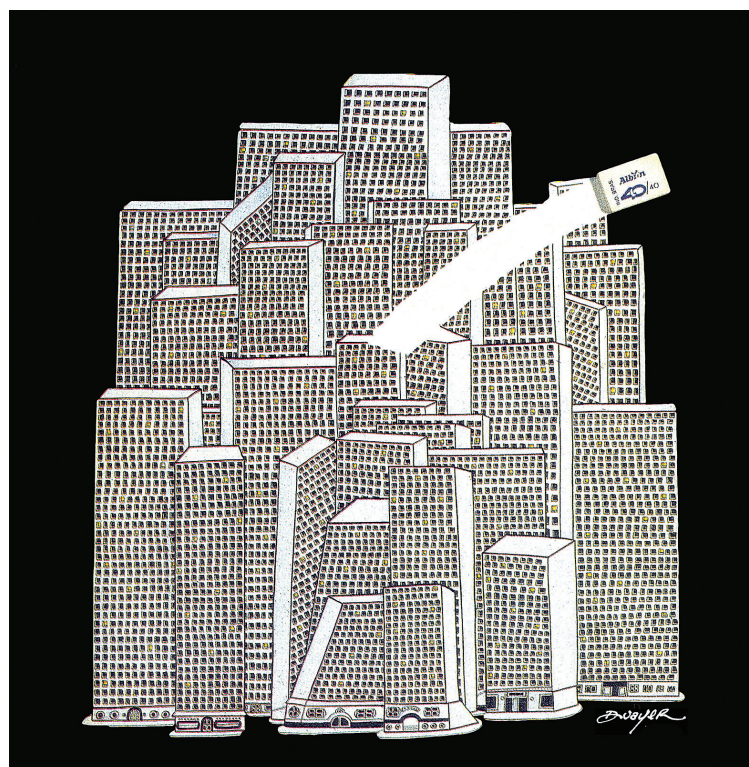
algumas fotografias do artista, entre paisagens e retratos de personalidades e anônimos (Editora do Autor/2021). Duayer participou também de obras coletivas como *Zensur in Brasilien – Anistia Internacional* (Suécia/1976), *Enciclopédia Latino-Americana de Humor* (Signo, Colômbia/1977), *Brasilien, der Proteste der Politischen Gefangenen – Anistia Internacional* (Alemanha/1978), *Enciclopédia Brasileira de Humor*, volume II (LP&M/1979), *O Novo Humor do Pasquim* (Codecri/1980), *O Pasquim – Antologia / Volumes II e III* (2009 e 2011) e *90 Maluquinhos por Ziraldo – Histórias e Causos* (Melhoramentos/2023).

Além das obras literárias citadas, uma das mais significativas publicações que Duayer participou foi o livro *Salve-se Quem Puder* (Martins Fontes/2019), publicação que representa bem como era atuar num jornal alternativo como *O Pasquim* no auge da Ditadura Militar. Reunindo uma invejável coleção de fotografias e cartuns do artista, o projeto, surgiu ainda nos tempos da extinta *Desiderata*, quando o Jaguar propôs à editora selecionar charges e cartuns, sem textos e sem fotos, mas a empresa faliu e o projeto foi cancelado voltando para a gaveta. Nove anos depois, em 2019, o jornalista Francisco Ucha queria aproveitar o aniversário de 50 anos do famoso jornal e procurou Duayer para produzir um livro temático. Seguindo a ideia do Ucha, o livro foi finalizado com pouco mais de 190 páginas muito bem planejadas, oferecendo ao leitor uma incrível iconografia com cartuns, charges e retratos históricos de alguns dos entrevistados do tabloide e de seus próprios editores, fotos que ilustraram as matérias humorísticas do jornal e ensaios com algumas das musas do semanário, entre elas a bela Kate Lira, no auge de sua formosura. Um dossiê definitivo sobre *O Pasquim* e sua luta pela redemocratização do Brasil.

Sobre suas origens, durante troca de mensagens, Duayer nos contou interessantes lembranças sobre seu pai que, na década de 1950, era um documentarista amador que costumava realizar filmagens com uma câmera *Bell & Howell*, 16mm, quando registrava festas religiosas e eventos pelo interior de Minas Gerais. Nos finais de semana, armava uma tela no poste de luz em frente à sua casa e projetava essas curtas para a população local. De certa maneira, a magia das imagens deve ter influenciado Duayer a se interessar pela arte da fotografia e, depois, pelo desenho.

Nas redes sociais, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode conferir as postagens do cartunista e fotógrafo que mantém seus perfis atualizados, no Instagram (@duayer.arte) e no Facebook (duayerduayer).

Saúde e Arte!



Cartum premiado no Salão Carioca de Humor.

Democratizar o conhecimento não custa caro

Por Paulo Alonso*

Em boa hora chega às livrarias de todo o país a obra *Democratizar Conhecimento Não Custa Caro*, da lavra da professora Simone de Souza Guimarães. Nela, a autora aborda soluções para a universalização do ensino do Estado do Amazonas, maior estado da Federação e detentor de obstáculos geográficos peculiares à região amazônica. Com base na estrutura e no modelo de gestão do Sistema Comércio, a escritora apresenta o contexto da localidade e soluções plausíveis para expansão da educação no estado, por meio das chamadas “unidades fixas e removíveis”.

O livro é, na realidade, resultado do trabalho de pesquisa sobre o qual a autora se debruçou durante três anos, período em que fez o seu Doutorado em Administração, cuja tese foi defendida na Universidade Nacional de Rosário, na Argentina.

O leitor que enveredar pelos caminhos dessa obra, com 348 páginas, da Paco Editorial, estará diante de um vasto estudo documental e de extensa e densa pesquisa bibliográfica pertinentes ao tema democratização, de forma pragmática, da educação em uma das áreas mais singulares da Federação, muitas vezes não observada pelos estudiosos da matéria.

Trata-se muito sobre a educação no país, mas sempre de forma mais ampla, com discussões de políticas públicas nacionais, baseadas em dados colhidos, sobretudo, pelo INEP/MEC, mas raramente se tem a oportunidade de se tomar conhecimento sobre o que ocorre em regiões mais longínquas, ficando o leitor sem ter notícias das boas práticas levadas, por exemplo, a cabo no distante Amazonas.

Daí, a pertinência da edição e do lançamento do livro de Simone Guimarães, no qual ela de forma contundente prega, e com lucidez, que um dos grandes desafios do país é justamente disseminar a educação de qualidade, em todos os Estados brasileiros.

O professor Bruno Ariel Rezzoagli, diretor do Mestrado em Administração Pública da Faculdade de Economia da Universidade Nacional do Litoral, Argentina, escreve que a obra publicada por Simone Guimarães é produto árduo do seu trabalho de pesquisa realizado para obtenção do título de doutora, que dirigiu essa busca sobre as formas de gestão implementadas pelo Sistema Federativo nos municípios do Estado do Amazonas, apresentando critérios alternativos para um novo modelo de administração para que se faça possível afrentar os atuais desafios e universalizar suas atividades em todas as localidades desse estado localizado na Região Norte do Brasil, muitas delas de difícilíssimo acesso, dada a extensão territorial e peculiar geografia da região.

Simone Guimarães apresenta não somente a história, mas o conceito do Sistema Federativo Comercial, as áreas de ações das entidades Sesc, Sistema Social do Comércio, e Senac, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, sua natureza organizacional e modelo de gestão.

Mais adiante, a escritora, que percorreu vários municípios do Amazonas fazendo pesquisas *in loco*, questiona os parâmetros para instalação de unidades fixas nos municípios do estado e se o atual modelo de gestão resulta adequado para conseguir a expansão dessas unidades fixas, “sustentando isso em um importante recorrido teórico-doutrinal em matéria de inovação e administração”, como frisa Rezzoagli, que ainda escreve que a autora refere-se

à realidade Amazônica com o objetivo de confrontar a proposta de expansão de unidades fixas nas cidades amazonenses, considerando as características e peculiaridades próprias dessa região, cobijada pelo mundo inteiro, por sua riqueza ambiental, fauna e flora.

Inquieta e buscando produzir um trabalho emblemático e que sirva como base para novas ações, Simone Guimarães recomenda, ao leitor, uma série de ações dirigidas para redesenhar o sistema Sesc e Senac, sempre com base na gestão da inovação. Dessa forma, *Democratizar Conhecimento Não Custa Caro* se constitui em um gerador de novas ideias sobre esse tema específico e verdadeiramente desafiador.

Presidente da Confederação Nacional do Comércio, Bens, Serviços e Turismo e do Sesc e do Senac, José Roberto Tadros, na contracapa do livro, escreve sobre a importância do lançamento de uma obra sobre tema inédito na literatura empresarial. Cuida a autora, segundo Tadros, de perseguir meios de compatibilizar os objetivos permanentes da missão do Sistema no Amazonas, cujo vasto território de quase um milhão e seiscentos mil quilômetros quadrados, entrecortado de rios que formam a maior bacia hidrográfica do planeta e com baixa densidade populacional de quatro milhões e duzentos mil habitantes rarefeitos e cuja capital concentra dois milhões e duzentos mil habitantes.

Nessa região, há deficiência de transporte aéreo e terrestre, porquanto o estado tem pouquíssimas rodovias, o que torna os rios o único meio de locomoção seguro e viável, embora lento, como acentua Tadros, para atender às necessidades de deslocamentos por esse vasto território, no

transporte de pessoas e mercadorias, prejudicando, assim, a possibilidade de se levar educação a todos os cantos e regiões.

Para Tadros, o estudo de Simone Guimarães foi administrar cuidadosamente os recursos pouco abundantes, no afã de atender toda a população carente de instrução nos mais distantes e esquecidos rincões do Amazonas. Em sua tese, a autora advoga, com pertinência, que o somatório hercúleo do esforços do Sesc e do Senac reduziriam as despesas e iria universalizar a educação, não somente do Amazonas, mas também a abrangência em todo o Brasil, por meio de uma solução híbrida, que não seriam as unidades fixas, escolas no estilo tradicional, cuja manutenção é dispendiosa e nem tampouco nas unidades móveis, barcos e ou carretas, práticas usuais do sistema estudado, mas utilizaria unidades removíveis, de baixo custo para os padrões nacionais.

Cada página de *Democratizar Conhecimento Não Custa Caro* leva o leitor aos meandros não só das reflexões da autora, mas do seu cartesianismo, comprovando que, sim, é possível transformar o Brasil por meio da educação sem despendar muito. Basta vontade e criatividade.

Simone Guimarães é graduada em Administração de Empresas; Especialista em Gestão pela Qualidade Total; Mestre em Engenharia de Produção; Doutora em Administração; e concluiu seu Pós-Doutorado em Educação, pela Universidade de Flores, Buenos Aires. Foi diretora-geral da Faculdade de Tecnologia do Amazonas e, atualmente, é diretora-geral Executiva da Confederação Nacional do Comércio, Bens, Serviços e Turismo.

Democratizar Conhecimento Não Custa Caro exhibe uma linguagem clara e um profundo conhecimento da autora sobre a matéria, assim como são lúcidas e inteligentes as propostas por ela apresentadas ao longo dos seis capítulos, ilustrados com figuras, tabelas e gráficos.

*Paulo Alonso é jornalista, é reitor da Universidade Santa Úrsula.



Castro Neves: novo imortal

Dono de uma das maiores bibliotecas de Shakespeare no Brasil, o jurista José Roberto de Castro Neves é o novo integrante da Academia Brasileira de Letras. O advogado foi eleito com 27 votos em total de 34 possíveis. Aos 54 anos, vai ocupar a cadeira 26, vaga desde o falecimento do jornalista Marcos Vilaça.

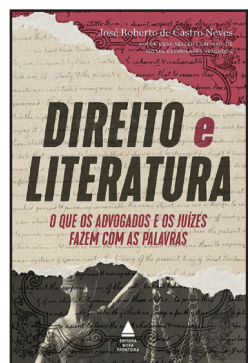
Formado em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Castro Neves é mestre em Direito (LL. M.) pela Universidade de Cambridge, Inglaterra e doutor em Direito Civil pela UERJ. Desde 1996, tem se dedicado à carreira docente na Pontifícia Universidade Católica e na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, onde já lecionou diversas disciplinas.

Além da atividade acadêmica, atua na advocacia e na arbitragem, razão pela qual é frequentemente apontado como um dos advogados mais admirados do país nas áreas cível e arbitral. Essa área ele conhece muito bem, pois integrou, por orientação do Senado Federal, a comissão de juristas que elaborou a Lei de Mediação e fez a revisão da Lei de Arbitragem. É também membro de diversas comissões, dentre as quais a Comissão de Direito Civil do Instituto dos Advogados do Brasil (IAB) e a Comissão Nacional de Estudos Constitucionais da OAB Federal. Atualmente, é presidente da Editora OAB-Federal, responsável pela *Revista da OAB*, além de ser titular da cadeira 27 da Academia Brasileira de Letras Jurídicas.

Sua produção acadêmica é vastíssima, com livros e artigos nas mais diversas áreas do Direito, principalmente obrigações, contratos e arbitragem. Dentre as mais renomadas, destacam-se: *Uma Introdução ao Direito Civil – Parte Geral*, *Direito das Obrigações e Contratos*, publicadas pela editora GZ.

Além de jurista, Castro Neves é um grande humanista, o que fica evidente em sua larga produção literária. Autor de 18 livros sobre direito, literatura e história, suas obras somam cerca de 200 mil exemplares vendidos. Entre os títulos mais conhecidos estão *Como os Advogados Salvaram o Mundo* (2018), *Medida por Medida: O Direito em Shakespeare* (2019) e *Os Grandes Julgamentos da História* (2018).

O novo acadêmico se destaca nas intersecções entre Direito e literatura, aproximando o público leigo do universo jurídico e unindo ao seu conhecimento técnico um amplo horizonte cultural. No mesmo dia em que ingressou no quadro dos imortais da ABL, ele lançou o livro *Que é Ser Advogado?*, que divide a profissão em três pilares: cultura humanística, conhecimento técnico e ética, traçando um panorama sobre a essência e a relevância da advocacia.



Direito e literatura: o que os advogados e os juizes fazem com as palavras (Ed. Nova Fronteira).

Já em *Direito e Literatura: O que os advogados e os juizes fazem com as palavras*, publicado em 2023, ele afirma que a linguagem é fundamental nos tribunais e defende que juristas “abram a cabeça” com mais leituras literárias.

No livro *A Invenção do Direito* (2015), ele volta às origens da civilização e compreende como o Direito foi moldado a partir de dilemas humanos que aparecem nas peças clássicas. Através da combinação de conhecimento cultural e jurídico, Castro Neves revela como as complexidades da sociedade e da moral têm raízes profundas que remontam à antiguidade.

Publicado em 2018, *Como os Advogados Salvaram o Mundo* mostra a atuação de grandes mentes jurídicas ao longo de eventos importantes da História, como a Revolução Francesa e a Revolução Americana.

Este ano, Castro Neves estreou também na ficção, com o elogiado *Ozymandias*. Apresentando uma dezena de personagens em

uma narrativa complexa e caleidoscópica, o romance aborda questões como a força do destino e pensa a formação do Brasil a partir de uma pequena cidade fictícia (Ateninhas). Percorrendo mais de um século de transformações sociais, culturais e políticas, acompanha os rumos de uma mesma família, os Luteross,

que concentram o poder no povoado desde a colonização até a redemocratização brasileira.

A narrativa costura dezenas de personagens e múltiplas camadas de tempo. Mais do que uma saga familiar, *Ozymandias*

é uma alegoria da formação do Brasil e um ensaio sobre o destino: “A ideia central era discutir o papel do destino na vida humana. Até pouco tempo, o homem ocidental acreditava que não controlava sua história – quem mandava era o destino. Só recentemente começamos a achar que temos algum poder sobre isso. Eu quis retomar essa discussão”, explicou.

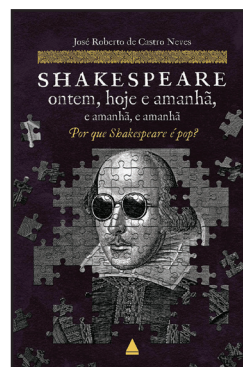
O livro dialoga com a obra de diversos autores canônicos, de Guimarães Rosa a Shakespeare. A biblioteca do novo acadêmico, aliás, possui cerca de 5 mil títulos do bardo inglês. Parte dela foi adquirida da crítica e tradutora Barbara Heliodora, morta em 2015, e uma das maiores autoridades brasileiras no assunto.

Shakespeare, por sinal, é o tema de diversos títulos de não ficção de Castro Neves. O mais recente deles, *Shakespeare Ontem, Hoje e Amanhã, e Amanhã, e Amanhã* explora a atemporalidade de peças como *Hamlet* e *A tempestade*. Ele também traçou paralelos entre o inglês e os universos jurídicos e musicais nos títulos *Medida por Medida: O Direito em Shakespeare* e *Shakespeare e os Beatles*, de 2019 e 2021, respectivamente.

O conhecimento em Shakespeare foi fundamental para o ingresso do advogado na ABL, de acordo com o presidente da instituição, Merval Pereira: “Ele será importante para a ABL por ser uma pessoa muito ativa no meio literário. É um estudioso da língua portuguesa e tem livros que tratam da influência da literatura em diversos campos. Certamente, vai nos ajudar nesta fase em que estamos explorando a variedade da importância da língua portuguesa. José Roberto é uma pessoa indicada para nos ajudar a aprofundar estes estudos.”

Ao falar sobre a importância da literatura em entrevista a Karina Fritz, do blog Migalhas, Castro Neves citou Fernando Pessoa: “Nascemos sem saber falar e morremos sem ter sabido dizer... e em torno disto, como uma abelha em torno de onde não há flores, paira ignóbil um inútil destino”, já disse um amargo Fernando Pessoa.”

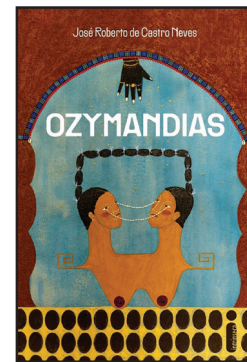
Falando sobre os motivos que exigem a leitura para um bom advogado, explica: “A alma se alimenta de sabedoria. Só se comunica bem quem lê. Com a leitura, aumenta-se o vocabulário e aprendem-se as inúmeras formas de se manifestar. Advogado é aquele que fala pelo outro. Essa é a própria origem da palavra: *ad vocare*. Fundamental, portanto, que ele saiba se expressar. A literatura é a mais poderosa escola da comunicação.”



Em *Shakespeare ontem, hoje e amanhã, e amanhã, e amanhã*, José Roberto de Castro Neves insere-nos no universo do Bardo – de sua vida e obra – e nos revela por que não houve autor que conseguisse retratar tanto da humanidade quanto este que foi o maior dos escritores de língua inglesa.



Em *Shakespeare e os Beatles*, José Roberto de Castro Neves desvenda os enigmas por trás da estranha união entre o renomado dramaturgo e a icônica banda de rock.



José Roberto Castro Neves estreou na ficção com *Ozymandias*, Editora Intrínseca, 2025.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
momentos da sua vida.**

As duas revoltas de José Quirino

Por Vera Lúcia de Oliveira*

Em seu novo romance, Ronaldo Costa Fernandes aposta na força poética das palavras. Faz do épico/lírico *O Ano da Revolta dos Desvalidos* (RJ: 7Letras, 2024), obra cuja força reside na escolha do léxico, no fino trabalho de ourivesaria do campo semântico. Cada vocábulo escolhido com precisão segue a lição de Flaubert da “palavra certa no lugar certo”. Esse é o primeiro aspecto que chama a atenção do leitor. É um desdobramento da sua vasta e premiada poesia, densa e ao mesmo tempo delicada e refinada. Originalíssima.

Dando continuidade à saga dos acontecimentos históricos do seu estado natal, o Maranhão, Ronaldo que, com igual maestria, já transformara em ficção a presença do padre Vieira em *Vieira na Ilha do Maranhão* (2019) e os episódios da revolta da *Balaçada* (2021), nesse romance sintético, com capítulos curtos, conta a história da revolta liderada por Manuel Becker, conhecido popularmente como “Bequimão”, contra as medidas do governo português, o estanco, que prejudicava os produtores locais, em 1865. E, paralelo a isso, o comovente drama familiar de José Quirino, personagem riquíssimo em aspectos humanos e psicológicos.

O romance se desenvolve com *flashbacks* revelando o passado desse homem desterrado, sem pertencimento à ilha de São Luís, onde há muito vive. Chegou a ser um religioso em Portugal, sua pátria (o que lhe dá verossimilhança quanto à sua cultura e pensamento intelectual). Para se definir, utiliza a metáfora da água, tanto do mar quanto do rio Coti, que o cerca: “Fico pensando quantos rios me banham” (p. 71). E para descrever a mulher Teodora:

“Teodora era um rio violento, desses que têm cachoeiras e quedas d’água. Suas águas eu não poderia represar. Tinha consciência de que lidava com um rio tumultuoso e indômito.” (p. 72).

E mais outros rios:

“Ainda outros rios me habitam: o rio civil e colono, o rio comerciante e de vereança, o rio das ruas. O que são as ruas senão rios secos feitos de pedra, areia e barro? Que são minhas pernas senão um remo que me leva a um canto e outro da cidade? Que são as casas dos colonos, as mais aristocráticas, senão galeões ancorados no grande porto da cidade? A primeira grande multidão não vi em Lisboa, mas aqui mesmo, mais de trezentas pessoas na praça maior, em frente da câmara, do palácio e da igreja dos roupetas. Trezentos homens armados com espada, pau e pedra, vociferando contra os jesuítas e a governança. Percebi que ali estava não mais os rios afluentes e nervosos, pequenos e retorcidos das ruas da cidade, mas o império oceano da fúria.” (p. 72).

Nessas belíssimas passagens em que a exploração do campo semântico da água atinge múltiplas significações, vemos o compromisso do autor com o fazer poético. O resultado desse garimpo é a riqueza do texto, elevando-o ao mais alto patamar literário.

Quirino, em sua fala reflexiva e sensível, merece destaque desde as primeiras páginas quando fala da filha única, a bela Maria, dolorosamente chamada de “sombra”:

“Minha filha é apenas uma sombra de gente, que se mexe, se alimenta, defeca, urina, urra pelas noites de lua como uma cadela, mas não tem consciência de que vive. Talvez eu devesse dizer que ela é uma sombra que tem consciência de que não passa de uma sombra. Ou ainda dizer que ela tem consciência – porque os sentimentos também pensam, os sentimentos nos fazem pensar, porque o gozo e a dor sobem até a cabeça e temos consciência da dor e do gozo – e bem dizia que ela tem consciência de que é um ser vivo, um ser destrozado, imperfeito, nulo, inservível para a vida da cidade, a vida dos comerciantes, dos barqueiros, dos padres e das autoridades. Mas ela sabe que é minha filha e que é diferente das outras mulheres.” (p. 6).

O cerne da questão do romance está na vida frustrada desse homem, marido da mulher ausente e pai da filha duplamente

ausente que muito o fazem sofrer e que, “como as marés”, um dia encheram sua vida para logo depois a esvaziarem. E é no vazio da sua vida murcha e solitária de pai cuidadoso que vê a filha infantilizada, “idiota”, cair de amores pelo também adolescente “idiota” Abelardo:

“O rapaz era tão idiota como a filha, percebeu José Quirino. Ele não ia deixar que dois idiotas se casassem, fossem morar sozinhos e tivessem filhos idiotas, prolongando a permanência de idiotas na ilha.” (p. 22).

O nome Abelardo nos remete ao sábio filósofo da Idade Média, Abelardo, apaixonado pela discípula Heloísa, os quais viveram um romance apaixonado – e trágico – pois contrário à vontade dos pais da jovem; remete-nos ainda com mais propriedade ao amor puro dos jovens Paulo e Virgínia, personagens do romance homônimo de Bernardin de Saint-Pierre, clássico da literatura francesa, de 1787. Livro encantador inspirado nas ideias de Rousseau, que se tornou mítico pelo tema da volta à natureza como refúgio dos apaixonados.

Há, portanto, dois movimentos na narrativa de Ronaldo: um em direção ao mundo exterior à casa de José Quirino, mostrando o conflito entre o governo e os rebelados com a prisão do herói Bequimão; e outro, ao interior da sua casa e, mais ainda, ao interior dele mesmo, um anti-herói. Este, subjetivo e sutil, transformando o acontecimento sugerido no título quase um pano de fundo, painel do tempo em que a ação se desenrola.

Com o discurso ora em terceira ora em primeira pessoa, a narrativa aproxima e distancia Quirino alternando-o como narrador e personagem:

“O comércio da leitura com os padres me faz um bem danado, mas ao mesmo tempo me frustra porque me retira de minhas ambas as casas, de taipa e alvenaria, e me coloca no vácuo. Sou assim vizinho do etéreo, do nada, do impermanente e do risível – alguns colonos riem de mim e pensam que tenho miolo mole e que a doença de Maria ela herdou de mim, embora não leia e desconheça quem seja Sêneca.” (p. 40).

“Em algum momento, José Quirino andou pelas terras do Mearim e também teve a alma doce e industriosa como a de Manuel Bequimão. (...) Naquele tempo era um homem só, nem conhecia a sua futura esposa.” (p. 43).

Quirino vive solitário na casa enorme, pois a criada dona Raimunda vive no seu canto e não é lá muito certa das ideias. Chegou a viver no mundo da desrazão:

“Houve uma época em que pensei que havia perdido dona Raimunda. Ela variava, não sabia que era dona Raimunda e me perguntou o que fazia em casa. Desconheceu a razão e Maria, quis desalimentar-se do mundo. Ficou muda, e quando falava, dizia que a trouxeram num navio negreiro, que seus pais eram negros da África, e podia-se bem ver a pele leitosa de dona Raimunda enlouquecer os desvios da razão.” (p. 69).

Mas dona Raimunda também tem voz: depois de narrar o seu passado de sofrimento, diz:

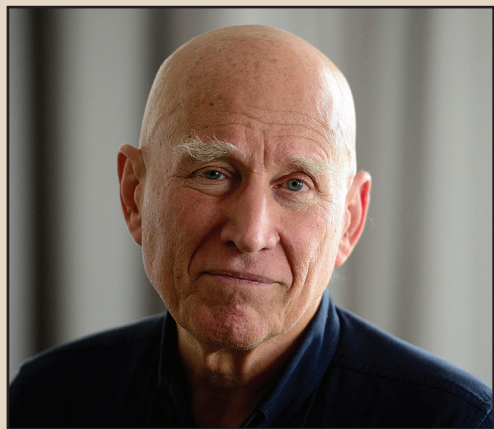
“Apareceu por essa época o senhor José Quirino que tinha a filha avariada e queria uma senhora que cuidasse da menina. Afeiçoei-me aos Quirinos, por esse tempo ainda dona Teodora não havia abandonado a morada.” (p. 86).

Nesse tempo da chegada dos negros africanos escravizados para a vida miserável que os aguardava, tudo era pesadelo na história do Brasil-Colônia onde vivia essa gente degredada e sem valor. Pesadelo que se torna também metáfora do desaparecimento da filha de Quirino, o que nele reafirma e institui mais do que nunca a função do pai. Pai preocupado, amoroso, diligente, que abdica da guerra na cidade sitiada em favor da guerra particular, na busca mítica da filha. É, portanto, de perda, culpa e reparação que trata a vida do atormentado e bom Quirino; da indiferença da natureza selvagem ante um ser destrozado, já sem “o ímpeto das águas turbulentas” de outros tempos; e da força avassaladora e impiedosa da floresta que atrai e engole os que nela se aventuram, tornando-se lendas...

Assim, José Quirino busca nas profundezas da floresta a filha amada e nas profundezas da sua alma o sentido da paternidade. Uma longa viagem do si ao si mesmo, andando em círculos.

*Vera Lúcia Oliveira é da Academia Brasileira de Letras.

Morre Sebastião Salgado, ícone da fotografia



Sebastião Salgado, ícone da fotografia, morreu aos 81 anos.

Ícone da fotografia, fotógrafo mais renomado do Brasil e um dos mais importantes do mundo, Sebastião Salgado morreu no dia 23 de maio, aos 81 anos. O fotógrafo, que vivia em Paris, enfrentava problemas decorrentes de uma malária adquirida em 1990, quando estava na Indonésia. Por conta da doença, ele vivia com algumas sequelas sanguíneas, o que foi determinante para

sua aposentadoria, como ele mesmo disse em entrevista ao *The Guardian*, no ano passado. Na ocasião, ele declarou que o corpo estava sentindo “os impactos de anos de trabalho em ambientes hostis e desafiadores”, e que era a hora de parar. “Eu sei que não viverei muito mais tempo. Mas não quero viver muito mais. Já vivi muito e já vi muitas coisas”, acrescentou.

Salgado viajou por mais de 120 países para seus projetos fotográficos. A maioria deles apareceu em inúmeras publicações de imprensa e livros. Exposições itinerantes de seu trabalho foram apresentadas em todo o mundo.

As suas fotos a preto e branco representam a dignidade fundamental das pessoas e são testemunhos contra a guerra, pobreza e outras injustiças sociais. Nascido em Aimorés, Minas Gerais, graduou-se em Economia pela Universidade Federal do Espírito Santo (1964-1967). Fez mestrado na Universidade de São Paulo e doutorado na Universidade de Paris, ambos tam-

bém em Economia. A mudança para Paris, em 1969, foi em função do asilo político na época da ditadura militar brasileira

Multi-premiado, Salgado foi embaixador da Boa Vontade da UNICEF. Seu primeiro livro, *Outras Américas*, sobre os pobres na América Latina, foi publicado em 1986. Na sequência, publicou *Sahel: O Homem em Pânico* (1986), resultado de uma longa colaboração de doze meses com a organização não governamental Médicos sem Fronteiras, cobrindo a seca no Norte da África. Entre 1986 e 1992, concentrou-se na documentação do trabalho manual em todo o mundo, publicada e exibida sob o nome *Trabalhadores*, um feito monumental que confirmou sua reputação como foto documentarista de primeira linha

Em setembro de 2000, com o apoio das Nações Unidas e do UNICEF, montou uma exposição no Escritório das Nações Unidas em Nova Iorque, com 90 retratos de crianças desalojadas extraídos de sua obra *Retratos de Crianças do Êxodo*. Essas fotografias prestam testemunho a 30 milhões de pessoas em todo o mundo, a maioria delas crianças e mulheres sem residência fixa. Seus últimos livros são focados em temas como a Pólio, desigualdade, África e ambiente.



Exposição de Sebastião Salgado sobre a Amazônia.

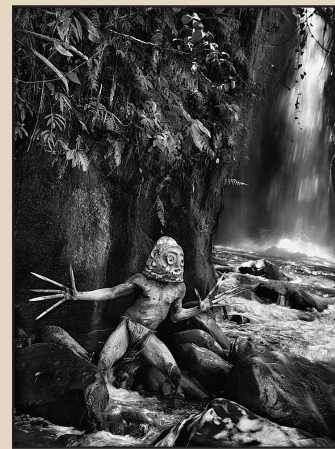


Foto de Sebastião Salgado, Papua Nova Guiné, 2008.

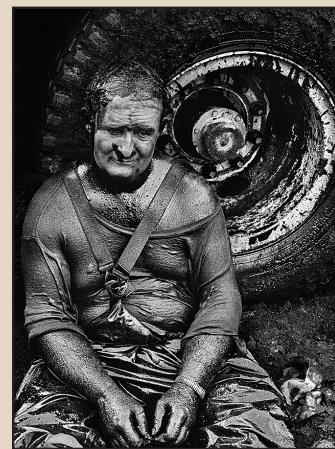


Foto de Sebastião Salgado, Trabalhador de petróleo no Kuwait, em 1991.

**Toda teoria
tem um Lado
PRático.
ESTÁGIO**
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

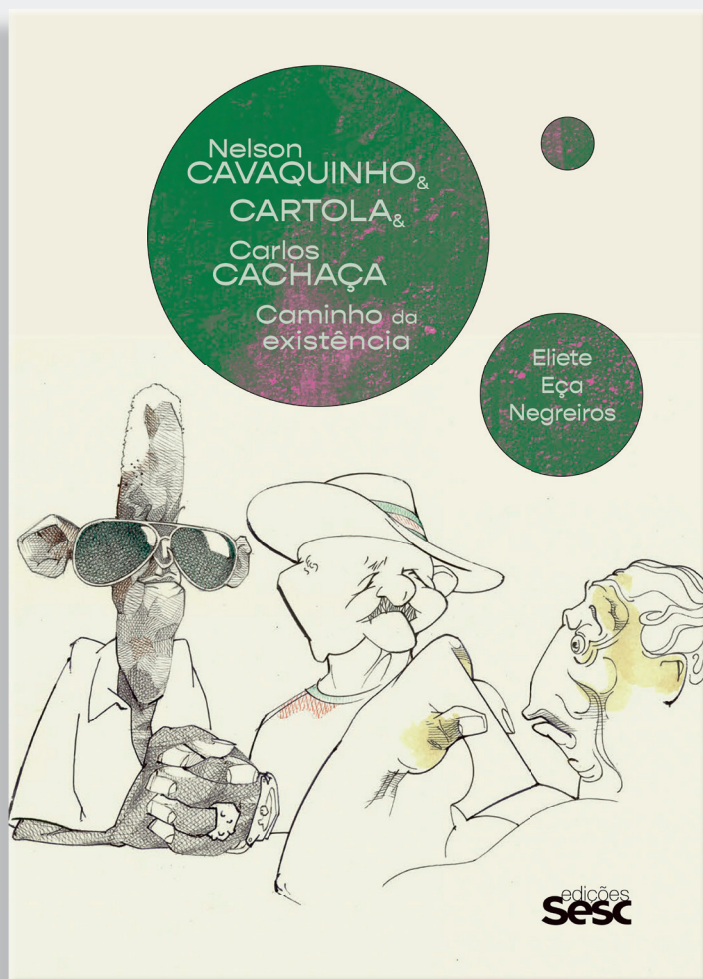
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



SAMBA E FILOSOFIA



A cantora e pesquisadora Eliete Negreiros destaca a importância cultural do samba e a sabedoria popular presente nas letras das músicas de Nelson Cavaquinho, Cartola e Carlos Cachaca, conectando-as a reflexões filosóficas e literárias partindo da análise da vida e obra destes três grandes sambistas.

sescsp.org.br/edicoes

   /edicoessescsp

edições
Sesc

